

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

ELAINE GUIMARÃES CRUZ DA SILVA

ANNE OF GREEN GABLES E POLLYANNA:
O USO DA IMAGINAÇÃO COMO VÁLVULA DE ESCAPE

Teresina
2019

ELAINE GUIMARÃES CRUZ DA SILVA

ANNE OF GREEN GABLES E POLLYANNA:
O USO DA IMAGINAÇÃO COMO VÁLVULA DE ESCAPE

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial para obtenção da Graduação de Licenciatura Plena em Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sob orientação da Profa. Esp. Cláudia Verbena de Oliveira.

Teresina
2019

“A imaginação tem todos os poderes: ela faz a beleza, a justiça e a felicidade, que são os maiores poderes do mundo”. (Blaise Pascal).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o autor da minha vida, pela oportunidade de realizar este trabalho.

Grata à minha família, em especial aos meus pais, Maria de Fátima Guimarães e Antonio Raulino, por acreditarem em mim e por serem meu apoio, e aos meus irmãos, Mislayne Gabriella, Gerlaine Nayra e Danilo Raulino, por fazerem parte da minha história.

Agradeço aos amigos de classe - Daniella Celestino, Davi Martins, Carmem Duarte, Eriene Campelo, Rosângela, Edson Gama, Jessilane, Thiago e Eliúde - por terem me ajudado em cada período estudado na UESPI. Vocês alegraram os meus dias na universidade.

Grata à Universidade Estadual do Piauí e aos Professores do Curso de Licenciatura em Letras Inglês, em especial à Profa. Esp. Cláudia Verbena, por ter me orientado e ajudado a realizar este trabalho, e à Profa. Dra. Márlia Riedel, pelas orientações.

Obrigada a todos que me ajudaram no decorrer dos anos na Universidade.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo geral analisar como as protagonistas dos romances *Anne of Green Gables* (1908), de Lucy M. Montgomery, e *Pollyanna* (1913), de Eleanor H. Porter, utilizam a imaginação como válvula de escape para superar suas frustrações. Como objetivos específicos, o contexto histórico das duas obras literárias, a caracterização do gênero literário romance infanto-juvenil, o conceito e o uso da imaginação foram investigados. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com apoio nos trabalhos dos seguintes autores: Bachelard (1990), Foster (2005), Gancho (2002), Moisés (2006), Ribbot (1906), Soares (2007), Vygotsky; Fróis (2012). Da análise comparativa dos dados coletados, constatou-se que ambas as protagonistas utilizam a imaginação como forma de amenizar a dura realidade em que vivem e que essa atitude influencia positivamente aqueles com quem elas convivem, o que confirma as hipóteses levantadas.

Palavras-chave: Imaginação; Válvula de escape; Literatura infanto-juvenil; Criatividade.

ABSTRACT

This research had as general goal to analyze how the protagonists of the books *Anne of Green Gables* (1908) by Lucy M. Montgomery and *Pollyanna* (1913) by Eleanor H. Porter, use their imagination as a scape valve. As specific goals, the historical contexts of the two literary works, the characterization of the literary genre, the concept and the use of imagination were investigated. The methodology used was the bibliographic research supported by the works of the authors: Bachelard (1990), Foster (2005), Gancho (2002), Moisés (2006), Ribbot (1906), Soares (2007) and Vygotsky and Fróis (2012). From the comparative analysis of the collected data, it was found that both protagonists use the imagination to soften the harsh reality in which they live and that this attitude positively influences those whom they live with, which confirms the hypotheses raised.

Key words: Imagination; Escape Valve; Youth literature; Creativity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	25
Quadro 02	32
Quadro 03	34
Quadro 04	36
Quadro 05	38
Quadro 06	41
Quadro 07	43
Quadro 08	46
Quadro 09	49
Quadro 10	54
Quadro 11	56
Quadro 12	57
Quadro 13	58
Quadro 14	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	3
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	7
2.1 Contexto histórico das obras	7
2.2 Literatura Infanto-juvenil e o gênero literário romance	9
2.3 O Personagem	15
2.4 A imaginação.....	17
3 METODOLOGIA	23
3.1 Tipo de Pesquisa.....	23
3.2 Universo da Pesquisa	23
3.3 Técnica de coleta de dados.....	23
3.4 Amostra	23
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	24
4.1 Narrador ou Foco Narrativo	25
4.2 Enredo.....	25
4.3 Personagens	27
4.4 O uso da imaginação como válvula de escape	30
4.5 Tempo	39
4.6 Espaço	41
4.7 Influências da imaginação nos personagens secundários	43
4.8 Comparação das Protagonistas	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	67

1 INTRODUÇÃO

Superar frustrações não é algo fácil, mas para as protagonistas Anne Shirley, do livro *Anne of Green Gables* (1908), de Lucy Maud Montgomery, e Pollyanna, do livro *Pollyanna* (1913), de Eleanor H. Porter, isso se torna possível através do uso da imaginação.

Quando o romance *Anne of Green Gables* foi publicado, em 1908, tornou-se um *best-seller* instantâneo. Ele é o primeiro romance escrito pela autora mais lida no Canadá, Lucy Maud Montgomery (1874 -1942). Ela escreveu mais de 500 contos, 20 romances, duas coleções de poesia e numerosas antologias de periódicos e ensaios, vendendo cerca de 50 milhões de cópias em todo o mundo.¹

Anne of Green Gables foi traduzido em pelo menos 36 idiomas, além de Braille. A autora foi nomeada uma oficial da Ordem do Império Britânico e do Instituto Literário e Artístico da França e foi declarada uma Pessoa de Significado Histórico Nacional no Canadá.² Influenciada pelos familiares, ela escrevia desde os 9 anos de idade em diários.

Com o enorme sucesso do primeiro livro, várias adaptações de *Anne of Green Gables* foram feitas para o cinema; a pequena Anne Shirley tornou-se um ícone mítico da cultura canadense. E, a partir do primeiro livro, surgiram as seguintes sequências com os títulos *Anne of Avonlea* (1909), *Anne of the Island* (1915), *Anne of Windy Poplars* (1936), *Anne's House of Dreams* (1917) e *Anne of Ingleside* (1939).

De acordo com O'sullivan (2010, p.176), "*Anne of Green Gables* é uma das mais populares "histórias de meninas" de todos os tempos e inspirou muitos autores posteriormente no Canadá e no mundo. Sua influência é evidente em romances como *Pollyanna*, de Eleanor H. Porter (1913), e, mais tarde, em *Pippi Longstocking*, de Astrid Lindgren (original sueco de 1945)".

¹ Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/montgomery-lucy-maud/>>

² Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/montgomery-lucy-maud/>>.

Pollyanna, de Eleanor Hodgman Porter, também se tornou um sucesso de vendas. Este clássico infantil foi publicado em capítulos em um jornal de Boston, nos Estados Unidos, e só em 1913 foi publicado em forma de livro pela editora L.C. Page. O livro teve tanto sucesso após a publicação que Porter logo produziu uma sequência, *Pollyanna Grows Up*, em 1915, o qual foi traduzido no Brasil como *Pollyanna Moça*. A adaptação cinematográfica mais conhecida de *Pollyanna* foi produzida por Walt Disney, em 1960, e estrelou a atriz Hayley Mills, que ganhou um Oscar por seu papel.³

O sucesso dessas duas obras literárias está relacionado à maneira de pensar das protagonistas, pois a criação do personagem vai além do nome; é preciso criar empatia com o leitor e prendê-lo através dos diálogos, da trama, dos acontecimentos, principalmente quando eles têm um bom desenvolvimento em sua construção, nos aspectos psicológicos, físico e social. Um personagem bem construído desperta nos leitores o envolvimento com a narrativa e, em consequência, o sucesso de uma obra literária.

Imagine-se nesta situação: Você perde os pais ainda bebê, enfrenta sérias dificuldades na infância e já na pré-adolescência, para sobreviver, você é obrigado a trabalhar em casas de família, cuidar de outras crianças e, por questões financeiras, você é abandonada em um orfanato. Você vive uma vida solitária e sofre maus tratos durante esse período.

Ou, para melhorar um pouco a situação, você conheceu seus pais, porém eles morreram e, por necessidade, por não ter onde morar, você passa a viver com senhoras em uma igreja. Mas você tem um parente que o trata de forma arrogante e insensível. Como você agiria? O que pensaria ou faria?

Pois é nessa realidade que encontramos as personagens Anne Shirley e Pollyanna Whittier. Como será que essas duas crianças de 11 anos conseguem se libertar de uma vida tão injustiçada, em que as crianças além de tudo não podem se expressar?

³Disponível em: <<https://www.raptisrarebooks.com/product/pollyanna-eleanor-h-porter-signed-first-edition>>.

Anne of Green Gables (1908) e *Pollyanna* (1913) são obras que levam os leitores a repensar e modificar padrões de pensamento, ampliando a capacidade de imaginação, e são duas protagonistas que contribuíram muito para a história da literatura e para a vida de muitos leitores.

Neste sentido o presente trabalho apresenta um estudo comparativo entre as obras literárias *Anne of Green Gables* (1908), de Lucy Maud Montgomery, e *Pollyanna* (1913), de Eleanor Hodgman Porter, tendo como objetivo principal analisar o uso da imaginação, pelas protagonistas, para resolver seus problemas existenciais e, por consequência, influenciar no modo de ser dos personagens secundários. Pois o pensamento tem poder tanto para construir como para destruir; é através dele que a imaginação ganha vida. Atualmente, muitas pessoas sofrem com o acúmulo de problemas no cotidiano e, para tentar solucioná-los, utilizar a imaginação como válvula de escape é um bom antídoto contra essas pressões.

Pode-se fazer uso da imaginação de várias maneiras. A leitura, a brincadeira, a conversa são exemplos disso. Porém, se aplicada aos problemas, surge a oportunidade de solucioná-los e melhorar determinada situação. Por isso, é importante falar sobre a imaginação no que diz respeito ao papel relevante que ela tem como meio de tornar as pessoas capazes de encarar seus conflitos e suas angústias com mais “leveza”, de demonstrar outras formas - mais criativas - de interpretar a realidade.

Com base no direcionamento acima exposto, utilizamos a seguinte pergunta norteadora para esta pesquisa: Como a imaginação pode ser utilizada para modificar a vida das protagonistas e influenciar as personagens secundárias e quais foram as consequências disso? E, a partir desta pergunta, analisamos e comparamos o uso da imaginação pelas protagonistas Anne Shirley e Pollyanna.

Em busca de respostas para a pergunta norteadora, foram levantadas as seguintes hipóteses: (i) A imaginação é utilizada nas duas obras literárias como válvula de escape para amenizar as angústias do cotidiano das protagonistas; (ii) há evidências de que é possível ampliar a imaginação.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (i) apresentar o contexto histórico das duas obras literárias; (ii) caracterizar

o gênero literário romance infanto-juvenil para análise literária; (iii) conceituar imaginação; (iv) demonstrar os motivos do uso da imaginação como válvula de escape, pelas protagonistas, e a sua influência nos outros personagens nas duas obras literárias; e (v) traçar uma comparação entre as protagonistas, demonstrando as semelhanças encontradas entre *Anne of Green Gables* (1908) e *Pollyanna* (1913).

Este Trabalho de Conclusão de Curso está assim estruturado: Primeiramente, abordou-se o contexto histórico dos dois romances infanto-juvenis, a estrutura do gênero literário romance e os conceitos sobre imaginação. Depois, demonstrou-se a metodologia aplicada para a realização deste trabalho, que foi a bibliográfica. Para tanto, foram utilizados como autores renomados para dar embasamento à investigação. Em seguida, buscou-se demonstrar, por meio de amostras, as semelhanças encontradas nos dois romances no que diz respeito ao uso da imaginação, pelas protagonistas, e a consequência disso nas suas próprias vidas e na dos personagens secundários. Por último, apresentamos as considerações finais, demonstrando a relevância da presente pesquisa para a comunidade acadêmica, considerando-se os resultados positivos alcançados.

Na seção a seguir, apresentamos o referencial teórico utilizado para a análise das duas narrativas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Contexto histórico das obras

As literaturas canadense e estadunidense sofreram transformações ao longo dos séculos, tendo os fatores econômicos, políticos, sociais e ideológicos contribuído para isso. Na sociedade canadense do início do século XIX, devido a essas mudanças, a mulher, através da literatura, pôde retratar a realidade em que vivia ao ter mais liberdade para se expressar. Como exemplo, os escritos na época eram sobre bicicletas, viagens independentes, guerras estrangeiras, política local e direito das mulheres.⁴

Um dos grandes influenciadores da literatura canadense do século XIX foi a Era Vitoriana. Esse período foi um marco histórico mundial que aconteceu no Reino Unido, onde a Rainha Vitória (1819-1901) e seu esposo, o príncipe Albert (1819-1861), expandiram suas colônias para a África e a Índia, além do Oriente Médio e regiões da Ásia. A Inglaterra se tornou a nação mais poderosa do mundo e se autodenominou Império Britânico. O príncipe e a Rainha tornaram-se modelo de pais exemplares, cristãos devotos e soberanos imparciais em assuntos políticos. Durante esse período foi possível a percepção das desigualdades sociais, a criação do esteticismo, revolução no transporte público com a construção dos primeiros veículos ferroviários, a invenção da fotografia, do selo postal, eletricidade, telégrafo, telefone, etc.⁵

Na área cultural, a literatura vitoriana (1837-1901) foi precedida pelos movimentos literários do romantismo e foi seguida pelo modernismo ou realismo, havendo uma fusão do estilo de escrita romântico e realista. Embora a era vitoriana

⁴Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/literary-history-in-english-1867-1914>>.

⁵Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/era-vitoriana/>>.

tenha produzido dois grandes poetas, Alfred Lord Tennyson e Robert Browning, a época também é notável pela excelência de sua prosa.

Em especial, os romances vitorianos tendem a ser retratos idealizados de vidas difíceis em que o trabalho árduo, a perseverança, o amor e a sorte vencem no final. Eles geralmente são inclinados a melhorar o ambiente com uma lição de moral. Embora essa fórmula tenha sido a base de grande parte da ficção vitoriana anterior, a situação se tornou mais complexa à medida que o século avançava.⁶

Na literatura da época, a criança era retratada em situações de exploração e abandono, tendo sido Charles Dickens o principal autor inglês a demonstrar a precariedade envolvendo as crianças no século XIX. Logo depois, a autora Lucy Maud Montgomery revolucionou a literatura canadense ao apresentar ao mundo a personagem Anne Shirley.

Uma personagem com autenticidade e embora passando por vários conflitos e vivendo submetida a severas regras sociais, Anne se determina a questionar os padrões da sociedade. Ela vivencia a beleza e a crueldade de existir; entretanto, mesmo tendo consciência dos dois lados da vida, ela consegue sempre achar um motivo para a alegria.

Nos Estados Unidos, no começo do século XX, acontecia uma era de industrialização e urbanização. Em 1913, a indústria era comum e o automóvel, novo e primitivo. Somente nos últimos vinte anos o motor de combustão interna foi inventado, e os carros começaram a ser capazes de ir mais rápido do que seis milhas por hora. Também durante esse tempo, os países europeus estavam em uma grande corrida imperial. Diferentes ideologias políticas estavam sendo experimentadas em todo lugar do mundo. Líderes anarquistas eram assassinados em muitos países, incluindo um presidente dos EUA.⁷

A classe trabalhadora percebia que os efeitos do crescimento industrial eram freqüentemente adversos. Os sindicatos não tinham apoio nem tinham status legal,

⁶Disponível em: <<http://victorian-era.org/victorian-era-literature-characteristics.html>>.

⁷Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20061115065846/http://www3.isrl.uiuc.edu/~unsworth/courses/bestsellers/search.cgi?title=Pollyanna>>.

tinham diferenças internas, eram enfraquecidos por depressões econômicas periódicas e não tinham o poder de combater o uso de tais táticas anti-síndicas pelos empregadores como contratação de fura-greves, conhecidos como *scabs*.⁸

Era uma época de descobertas na psicologia, filosofia e ciências em geral. Na literatura, as pessoas buscavam algo em que acreditar por causa da guerra. A personagem *Pollyanna* contribuiu com essa ajuda, pois ela transmitia alegria ao povo americano. Em 1913, a maioria das pessoas acreditava que a guerra seria rápida. *Pollyanna* foi um dos livros mais vendidos em 1914. E com a Europa envolvida na guerra, o livro ganhou popularidade mundial.⁹

2.2 Literatura Infanto-juvenil e o gênero literário romance

A literatura Infanto-juvenil é um gênero literário direcionado às crianças e adolescentes, tendo origem entre os séculos XVII e XVIII. Nesse período, a fase infantil passa a ter valor em relação à fase adulta, pois durante muito tempo, a literatura apresentava conteúdo adulto, esquecendo-se da riqueza criativa da infância. No fim do século XIX, as histórias infantis recebem muitas modificações, por exemplo: A realidade da criança passa a ser retratada considerando a sua simbologia, sua afetividade, sua psicologia e o seu desenvolvimento cognitivo.¹⁰

Na realidade, é a recepção adulta dos livros que os definem como literatura infanto-juvenil, porque as narrativas têm muitas fábulas e conteúdos didáticos, como em *As Aventuras de Telêmaco*. Vários autores escreveram livros não destinados às crianças como *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (1667-1731), os quais foram,

⁸Disponível em: <<https://www.scholastic.com/teachers/articles/teaching-content/twentieth-century-society-united-states/>>.

⁹Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20061115065846/http://www3.isrl.uiuc.edu/~unsworth/courses/bestsellers/search.cgi?title=Pollyanna>>.

¹⁰Disponível em: <<https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>>.

desde sua aparição nos séculos XVIII e XIX, popularizados como leitura para crianças, mesmo não as tendo como público-alvo, pois os livros eram feitos para os adultos.¹¹

Nessa classificação do gênero literário infanto-juvenil estão contidos os seguintes tipos de livros: contos, gibis, *graphic novels*, poemas, romances dentre outros. Atualmente, o conteúdo varia de acordo com a idade dos leitores. Há livros somente com imagens destinados a crianças de 2 a 4 anos até livros variados destinados a jovens adolescentes somente com textos em prosa.

O romance infanto-juvenil contém temas que extrapolam a fantasia das crianças, nos quais os personagens vivenciam realidades comuns a elas, como conhecer novos amigos na escola, mudar de casa, viver em orfanatos, não ter parentes e viajar.

No universo literário tudo é possível e essa liberdade criativa utilizada nos escritos de ficção serve há muito tempo para entreter os povos. Segundo Costa (2008, p.130), “é através da ficção que o processo de contar ou de mostrar algo imaginativo acontece, por meio de histórias inventadas, sendo comum em romances, contos, novelas, fábulas e outras narrativas em prosa”.

É o que acontece com o romance por que:

[...] mantém um vínculo indissolúvel com a realidade, embora manifeste essa realidade sob formas escritas e inventivas, em um cuidadoso trabalho de organização do texto e de seus componentes narrativos. Também é possível verificar como ao longo da história do romance essa relação foi se configurando em formas narrativas com características diferentes. (COSTA, 2008, p.130)

Essas transformações aconteceram na antiguidade clássica, segundo Costa (2008, p.130), pois o gênero romance não existia; ele foi surgindo somente como narrativa heróica na idade média, no formato de romance de cavalaria Tornando-se assim uma narrativa moderna, atualmente existem romances psicológicos, góticos, históricos e etc.

¹¹Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12152/literatura-infantil-e-juvenil>>.

De acordo com Soares (2008, p.39), o que caracteriza o gênero literário romance como uma narrativa moderna, é o fato de que nele existe a realidade cotidiana recriada. Onde tudo acontece envolvendo ações por meio de narradores e personagens.

A estrutura desse tipo de narrativa é composta por narrador, enredo, espaço, tempo e personagens. O narrador do universo literário, segundo Gancho (2002, p.30), “é o elemento estruturador da história. [...] Podendo haver inúmeras variações, pois cada autor cria um narrador diferente para cada obra”.

A função do narrador na história chama-se foco narrativo e ponto de vista (do narrador ou da narração). Tanto um quanto o outro se referem à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narrados. Assim teríamos dois tipos de narrador: um em primeira e outro em terceira pessoa (do singular). (GANCHO, 2002, p.31).

Dependendo da escolha do foco narrativo, o narrador pode aproximar-se ou distanciar-se:

[...] dos personagens, da ação e daquele a quem narra; seu conhecimento sobre o mundo que apresenta pode ser completo ou parcial, sua posição pessoal pode tender à neutralidade ou ser claramente participativa. A opção por uma ou outra de suas formas de construir o narrador é um dado técnico da narrativa, utilizado pelo ficcionista de acordo com seus propósitos. (INFANTE, 2004, p.216)

De acordo com Gancho (2002, p.37), os personagens também podem ser narradores e dependendo de como se relaciona com o leitor, pode haver algumas variantes do narrador-personagem. É o caso do narrador-testemunha que relata fatos dos quais não participou e o narrador protagonista. Eles podem estar afastados dos acontecimentos da história e podem ter mais liberdade de serem mais críticos.

Na narração em terceira pessoa, observa-se um distanciamento do narrador porque ele não é um personagem da ficção, mantendo certa imparcialidade. Segundo Gancho (2002, p.37), existem três tipos de narradores em terceira pessoa, são eles: o narrador-observador e sua variante o narrador “intruso” e narrador “parcial.

Eles facilitam a compreensão dos fatos narrados e também auxiliam outro elemento que faz parte do romance que é o enredo. Nele é demonstrada a organização dos fatos narrados tendo como elemento estruturador o conflito: que “é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor”. (GANCHO 2002, p.13)

Os elementos do enredo são: a exposição, a complicação, o clímax e o desfecho.

- Exposição: são apresentados os fatos iniciais, os personagens, às vezes o tempo e o espaço;
- Complicação: acontece o desenvolvimento do conflito;
- Clímax: acontece “o momento de maior tensão no qual o conflito chega ao seu ponto máximo;
- Desfecho: ocorre “a resolução dos conflitos podendo haver um [...] final feliz, trágico, cômico e etc”.

O enredo na narrativa psicológica, segundo Gancho (2002, p.16), demonstra que os acontecimentos são interiores e relacionados às emoções que constituem o enredo da estória.

No romance, o enredo acontece dentro de um espaço definido pelo autor. De acordo com Soares (2007, p.52), “o espaço é o cenário, a localização; o conjunto de elementos da paisagem exterior ou interior onde as ações dos personagens acontecem”. Durante a leitura as características apresentadas pelo narrador, sobre o lugar em que acontece o enredo, definirão em que tipo de ambiente a estória acontece, pois:

[...] se se trata de história urbana, o cenário será predominantemente o construído pelo homem, ou seja, o interior de uma casa (sala de visitas, sala de jantar, quarto de dormir, sótão, mansarda, cozinha, etc.), ou as ruas; se regional ou sertaneja, o cenário será a própria Natureza, concebida como a soma de objetos que a mão do homem não transformou. A relevância do lugar na ficção citadina variará de acordo com a fôrma literária (o conto, a novela ou o romance) e a tendência estética ou ficcional (a ficção romântica, realista, etc.; o

romance introspectivo, romance existencialista, etc.). [...] (MOISÉS, 2007, p.107-108)

Há também a influencia do ambiente social da narrativa e sugestões emocionais relacionadas a ele, pois os personagens se situam na cronologia e no grupo social. De acordo com Gancho (2002, p.27), o ambiente é o “espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas em que vivem as personagens”. O ambiente é muito importante, pois pode apresentar certos exemplos de personagens que podem inserir humor e até caracterizar o comportamento da época em que é relatado o romance:

O ambiente social surge principalmente pela apresentação de tipos, personagens marcados por algum traço de comportamento facilmente relacionáveis com certos grupos na sociedade. Esse ambiente social cultiva valores e modo de agir específicos, que podem determinar a conduta dos outros personagens ou servir de ponto de partida para eventuais conflitos. [...] A caracterização do ambiente pode investir na construção de um clima favorável à obtenção de determinados efeitos sobre o leitor. É comum o uso desse tipo de recursos nos textos românticos de teor macabro em que cemitérios e outros espaços lúgubres e mal iluminados são frequentes; em quase todos os textos de ficção, no entanto, o espaço acaba assumindo alguma importância em relação às motivações dos personagens. Não são raros casos de cenários ricos em sugestões emocionais: a cada detalhe da paisagem ou interior de um recinto o personagem pode ligar uma vivência afetiva, que é constantemente evocada ao longo do texto. (INFANTE, 2004. p.215)

Através do ambiente o leitor poderá verificar como as descrições do espaço influenciam os personagens. Neste mundo criado pelo escritor os acontecimentos possuem ações que são determinadas pelo tempo, que é outro elemento básico do romance. Nele podem ser encontrados:

[...] indicações de datas ou horários, referências às partes do dia, às estações do ano, à posição dos astros no céu. É nesse fluxo de tempo que ocorrem os fatos formadores da história, é nele que os personagens desenvolvem seus dramas e conflitos adquirindo maior ou menor complexidade, maior ou menor significado emocional para o leitor (INFANTE, 2004, p.216).

Enquanto que o tempo psicológico é “caracterizado por desobedecer ao calendário e fluir dentro das personagens, como um eterno presente, um tempo-

duração (no conhecido dizer de Bergson), sem começo, nem meio, nem fim. (MOISÉS, 2007, p.101).

Como exemplos podem ser citados o tempo dos romances históricos que relembram o passado, há outros que demonstram o presente e outros que antecipam o futuro, como é explicado a seguir, pois existem romances que:

Baseiam-se em fatos históricos (o passado); outros, no tempo sucessivo e rápido da aventura; outros ainda; tem o presente como tempo privilegiado (o romance psicológico e o de costumes contemporâneos); enquanto ainda outros escolhem um tempo imaginário, como o futuro – é o caso de ficção científica; ou então se misturam todos esses tempos (COSTA, 2008, p.152).

A classificação do tempo no romance é necessária por que os acontecimentos do enredo estão ligados a ele em vários níveis. De acordo com Soares (2007, p.50), “toda a narrativa desenrola-se dentro do fluxo do tempo, tanto no plano da diégese que é o tempo ficcional quanto no plano do discurso”. Existe uma dificuldade em interpretar o tempo da narrativa por que:

Há [...] um curioso problema temporal permanentemente colocado diante do escritor: aquilo que acontece e o texto que conta aquilo que acontece costumam demandar tempos diferentes. É fácil perceber a existência desses dois tempos distintos: a ação de um romance pode ser medida em dias, meses ou anos; a duração do discurso é indicada em números de páginas do livro (ou das horas consumidas em suas leituras – que variam de leitor para leitor) (INFANTE, 2004, p.214).

Resumindo, o tempo da narrativa pode ter vários níveis, como é simplificado a seguir:

- A época em que se passa a história: constitui pano de fundo para o enredo;
- Duração da história: período de tempo da narrativa;
- Tempo cronológico: É o tempo que transcorre na ordem natural dos fatos do enredo, isto é, do começo para o final;
- Tempo psicológico: É o tempo que acontece numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou das personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. (GANCHO 2002 p.24-25).

Definidos os elementos da análise literária do romance, abordaremos o elemento principal deste trabalho: o personagem.

2.3 O Personagem

Analisando o enredo da narrativa é que se podem conhecer os personagens. Visto que eles estão:

“inseridos num mundo construído que segue uma coerência interna, os personagens subordinam-se a ela, agindo e reagindo de acordo com as regras de funcionamento desse universo possível. Sua movimentação é que determina o andamento da ação: o enredo existe por meio dos personagens, que nele ganham vida”. (INFANTE, 2004, p.212).

Ao ler o romance, percebe-se também a influência das interpretações que fazemos das pessoas. É como explica Candido et al (2007, p. 58):

“No decorrer das nossas vidas, estabelecemos interpretações a respeito das pessoas, observando na convivência, o modo de ser e agir de cada um. Mas nem sempre, o que pensamos pode ser verdade – nós, seres humanos, somos imprevisíveis”.

Podemos pensar que a interpretação dessa criação fictícia possa nos conduzir ao erro por nos espelharmos nas nossas interpretações que fazemos das pessoas; porém, lendo o romance, entendemos que o personagem, segundo Candido *et al* (2007, p.58), “[...] possui uma lógica, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo de ser. Daí ser ela relativamente mais lógica, mais fixa do que nós”.

Pois no romance, os personagens vivenciam situações semelhantes aos seres humanos. Mesmo sendo fictícios pode acontecer certo tipo de distanciamento ou aproximação da realidade aonde eles podem ser modelos de pessoas existentes, ou seres inventados. É como exemplifica Foster (2003, p.46):

Se uma personagem de romance for exatamente igual à rainha Vitória – não parecida, e sim exatamente igual –, então ela é realmente a rainha Vitória, e o livro, ou todas as suas partes concernentes a esta personagem, deixará de ser um romance para se tornar um memorial. Um memorial é história, baseia-se em evidências. Já o romance se baseia em evidências + ou – x, sendo a incógnita o temperamento do romancista; e a incógnita sempre modifica o efeito da evidência, e às vezes até a transforma completamente. [...] Mas, se ela permanecesse impassível, o que saberíamos? A vida oculta é, por definição, oculta. A vida oculta que se manifesta através de sinais exteriores já deixou de ser oculta, e ingressou no domínio da ação. E a função do romancista é revelar a vida oculta em sua fonte, contando-nos mais sobre a rainha Vitória do que poderia ser sabido, e assim produzindo uma personagem que não é mais a rainha Vitória histórica.

Deve se observar as características que o narrador apresenta quanto às descrições utilizadas para o personagem, pois isso definirá se ele é ou não, histórico ou fictício. Para Foster (2003, p.61-64), a partir desse entendimento sobre o personagem é que se pode interpretá-lo quanto às suas características de atuação no romance, pois existem os personagens planos, que não possuem mudanças de atitudes, e os personagens redondos, que envolvem os leitores na narrativa, pelas atitudes e comportamento.

Essas características dos personagens são descritas da seguinte forma:

[...] “planas” – que podem ser expressas por uma só frase, porque são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade – ou “redondas”, quando construídas ao redor de mais de um fator. Ou, em outras palavras, se ela “é capaz de nos surpreender de modo convincente”, é redonda; se ela “nunca nos surpreende”, é plana; se não convence, “é plana pretendendo ser redonda”. [...] Só as pessoas redondas foram feitas para atuar tragicamente por qualquer extensão de tempo, e só elas podem despertar em nós quaisquer sentimentos que não sejam o de humor e o de adequação. (FOSTER, 2003, p.11- 61)

Pode haver dois tipos de análise dos personagens planos e redondos, esses personagens podem ser analisados de duas formas, por meio da análise estática e a dinâmica. A primeira:

[...] diz respeito à descrição da personagem, segundo as palavras diretas do próprio ficcionista, ou o que dela se depreende. Num caso ou noutro, imobiliza-se a personagem no enalço de saber como ela é. [...] a análise dinâmica, realiza-se pela desmontagem da evolução da personagem, plana ou redonda, ao longo do romance. (MOISÉS, 2008, p.111-113).

Os personagens redondos apresentam características físicas, morais e psicológicas. Os personagens planos apresentam dois tipos de caracterização, são eles os tipos e as caricaturas.

- o personagem tipo “é um personagem reconhecido por características invariáveis, seria a dona-de-casa, a solteirona.
- Enquanto que o personagem caricatura “é um personagem reconhecido por características fixas e ridículas. Geralmente é um personagem presente em histórias de humor” . (GANCHO, 2002, p.34),

Para colher informações sobre os personagens, o escritor utiliza diferentes recursos narrativos para a caracterização deles; geralmente a fonte dessas informações vem por meio “do narrador, das atitudes dos personagens (sua atuação, suas falas, seus pensamentos) e as opiniões de outros personagens” (INFANTE, 2004, p.212).

O leitor deve estar atento a todos esses detalhes sem nunca abandonar seu senso crítico: não se deve aceitar tudo o que o narrador afirma sobre determinado personagem como uma verdade incontestável; do mesmo modo, devem-se tomar as justificativas de um personagem para seus próprios atos com certo cuidado, pois um de seus traços de personalidade pode ser justamente a auto-indulgência; opiniões de outros personagens devem ser avaliadas dentro do conjunto de relações que estabelecem com o personagem analisado (INFANTE, 2004, p.213).

Para análise das protagonistas Anne e Pollyanna, é preciso entender um pouco de um aspecto bem evidente das personagens, que é a imaginação.

2.4 A imaginação

A imaginação é o ato ou poder de formar uma imagem mental de algum objeto não presente aos nossos sentidos ou nunca antes percebido na realidade, sendo, assim, uma habilidade criativa, com a qual podemos superar ou enfrentar realidades.¹²

¹²Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/imagination>>.

Um exemplo desse conceito é relatado por Montgomery (2018, p.33) por meio da protagonista Anne Shirley ao demonstrar essa capacidade:

Nós iremos pela estrada à beira-mar. — Estrada à beira-mar me parece ótimo! — disse Anne imaginativa — É realmente tão bom quanto parece? No momento em que as palavras 'estrada à beira-mar' saíram de sua boca, vi toda a imagem impressa na minha mente!

Na imaginação de Anne ao ouvir as palavras “estrada e beira-mar” acontece uma junção delas pois a menina conhece o que cada uma delas significa e ao pensar nas palavras isso forma a imagem mental. Mas para Bacherlard (1990, p.1), “A imaginação é antes a faculdade de deformar as imagens, se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante”.

Trata-se de um processo que permite manipular a informação criada no interior do organismo (sem estímulos externos) para desenvolver uma representação mental. A imaginação, deste modo, permite ter em mente um objeto que se tenha visto anteriormente ou criar algo novo sem nenhum fundamento real. Ao imaginar, o ser humano manipula informação da memória e converte elementos já percebidos em uma nova realidade.¹³

A história de vida de uma pessoa influencia muito na capacidade de solucionar problemas. Segundo Romualdo (2017, p.78), a imaginação é:

A abertura da vida psíquica, ela é a irrealidade que, como um ato mágico – ou a passagem correlativa do plano concreto para o da criação, se dá como uma síntese absoluta –, isto é, um ato capaz de dar a posse do algo imaginado de uma maneira livre e espontânea àquele que imagina.

Essa abertura psíquica proporciona uma espécie de escape que nos ajuda a ter momentos de alívio das tensões provocadas pelas turbulências da vida. Descobrimos muito sobre as pessoas pela sua capacidade de reverter situações de vida em que se

¹³ Disponível em: < <https://conceito.de/imaginacao>>

encontram.¹⁴ Essa liberdade que a imaginação proporciona às pessoas demonstra o quanto praticá-la é importante.

Quando nos deparamos com algo realmente ruim, por exemplo, uma crise financeira, a maioria das pessoas imagina uma forma de sair daquela situação e a aplicam à necessidade do “agora”, utilizando-se dos conhecimentos que adquiriram na vida. A imaginação pode tornar-se uma válvula de escape nesse sentido.

Válvula de escape vem da mecânica, tendo como referência a válvula de um motor que abre automaticamente fazendo com que o fluido saia do sistema quando a pressão interna é muito alta e ultrapassa o nível de segurança. O termo “válvula de escape” tornou-se uma expressão muito utilizada para atividades que funcionam como um alívio ao estresse, que levam ao divertimento, passatempo ou distração.¹⁵

Segundo o dicionário Figueiredo (1913, p.774), a palavra escape significa o ato de colocar-se fora ou longe de uma situação difícil ou ameaçadora. Sendo assim, fugir da realidade por meio dos pensamentos é possível. É o caso, por exemplo, de escritores, artistas, cientistas e empresários. Por meio dessa habilidade, que é desenvolvida ao longo dos anos, é que se procura inovar as ideias. Por isso, a imaginação está intimamente ligada à inteligência, e isso tem reflexo na capacidade criativa, facilitando a solução de problemas e auxiliando no pensamento otimista.

Contudo, no ato de imaginar também há pequenas falhas como o devaneio, a ilusão e a fantasia. Um exemplo de devaneio da protagonista Anne Shirley, no livro *Anne of Green Gables*, é reproduzido abaixo:

Enquanto a refeição continuava, Anne se tornou mais e mais distraída, comendo mecanicamente, alheia com seus grandes olhos perdidos, inabalavelmente fixos no céu através da janela. [...] enquanto o corpo dessa esquisita criança estava ali naquela mesa, seu espírito estava bem longe, em algum fantasioso país nas nuvens, carregado pelas asas da imaginação (MONTGOMERY, 2018, p.29).

¹⁴Disponível em: <<https://paralemdoagora.wordpress.com/2014/08/06/nossas-valvulas-de-escape/>>.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/valvula-de-escape/>>

Com este exemplo é possível demonstrar alguns pontos que levam a pessoa a perder-se nos pensamentos. Pois, no devaneio, o sonhador não concretiza as criações. O pensamento flui, mas a pessoa não se apegando as idéias apenas fica perdida na imaginação.

O ponto-chave do poder da imaginação, que possibilita ir além, está relacionado à experiência acumulada de cada pessoa. Segundo Vygotsky (2012):

A atividade criadora da imaginação está em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, uma vez que esta experiência é a matéria-prima a partir da qual se elaboram as construções da fantasia. Quanto mais rica for a experiência humana, mais abundante será a matéria disponível para a imaginação. [...] Se seguirmos a história das grandes realizações e das grandes descobertas, podemos verificar que quase sempre surgiram como resultado da enorme experiência previamente acumulada (VYGOTSKY, 2012, p.32).

Essa criatividade é uma qualidade às vezes nata ou adquirida por experiência. Como exemplo, pode ser citado Nikola Tesla, Ele foi um inventor, engenheiro elétrico, mecânico e físico. Era Dono de um cérebro altamente imaginativo e com um surpreendente processo de criação.

Tesla criou o sistema de corrente alternada, que possibilitou a transmissão de energia elétrica, e lançou as bases do desenvolvimento da tecnologia moderna – as comunicações sem fio, a robótica, o controle remoto, o radar, a ciência computacional, a balística.

Ele aprendeu a dominar uma estranha perturbação e transformá-la em ponto favorável à sua criatividade. Tesla era atormentado por visões fortes acompanhadas de clarões de luz, de objetos e cenas que designavam palavras ouvidas no cotidiano. Para tentar livrar-se do problema, ele passou a se concentrar nas imagens, fixando-as em sua mente.

Essa técnica o ajudaria a desenvolver um sistema criativo ímpar: Uma forma de materializar os conceitos e idéias mais eficientes do que o experimental. Tesla arquitetava seus projetos na imaginação e os manipulava de forma tão real que podia

aprimorá-los mentalmente. Aos oito anos ele descobriu que podia subjugar a própria mente, aprendendo a praticar o autocontrole.

Com esse exemplo, pode-se observar que a capacidade de imaginar das crianças deve ser trabalhada através do acúmulo de experiências, tendo em vista que toda vivência positiva ou negativa na infância coopera para o processo da imaginação. A imaginação das crianças deve ser enriquecida, pois, de acordo com Vygotsky (2012):

[...] se queremos criar bases suficientemente sólidas para a sua atividade criativa, devemos considerar a necessidade do alargamento da experiência da criança. Quanto mais a criança viu, ouviu e experimentou, mais sabe e assimila. Quanto mais elementos da realidade a criança tiver à disposição na sua experiência mais importante e produtiva, em circunstâncias semelhantes, maior será a sua atividade imaginativa (VYGOTSKY, 2012, p. 33).

O uso da imaginação pelas crianças é algo cotidiano, porque elas brincam, experimentam e aprendem. Por meio da dramatização, das brincadeiras lúdicas e do faz-de-conta presentes no dia a dia da criança, evidencia-se a forte capacidade de trazer à tona o que não é real. Isso é extremamente necessário e importante para o seu desenvolvimento psíquico porque é desta forma que a criança entende a realidade, assimila regras sociais e também desenvolve as suas habilidades para aprender.¹⁶ Por isso a imaginação, a fantasia e a criatividade são mais atuantes.

Os benefícios da imaginação na infância se refletem no modo de agir tanto da criança quanto das pessoas ao seu redor, porque todas as formas de imaginação criativa implicam elementos de sentimento. Esse elemento emocional é o fator primitivo e original, pois toda invenção pressupõe um desejo, uma ânsia (RIBBOT, 1906, p.120) e são frequentes os sentimentos provocados pelo ato de imaginar. Para exemplificar, Vygotsky (2012, p.39) demonstra a seguinte situação:

Imaginemos uma situação simples de ilusão. Ao entrar às escuras no quarto, a criança, por ilusão, toma o vestido pendurado por uma pessoa estranha ou um

¹⁶ Disponível em: <<http://naescola.eduqa.me/desenvolvimento-infantil/o-mundo-da-fantasia-na-crianca/>>.

Acesso em: 12/02/2019

ladrão que entrou em sua casa. A imagem do ladrão criada pela fantasia da criança não é real, mas o medo que a criança sente o seu susto são de fato impressões reais para a criança.

Por isso, as impressões captadas da realidade mudam, aumentando ou reduzindo as suas dimensões naturais. Desse modo, entende-se a tendência ao exagero na imaginação, em especial das crianças (VYGOTSKY, 2012, p.50). Um bom exemplo de ilusão acontece com a protagonista Anne:

Anne nunca se esqueceu daquela caminhada. Arrependeu-se amargamente de ter dado vazão à sua imaginação. Os duendes de sua fantasia bailavam em cada sombra à sua volta, estendendo as mãos frias e esqueléticas para agarrar a aterrorizada menina que os havia chamado à existência. Uma casca branca de bétula que o vento levantou de um buraco no solo marrom do bosque fez seu coração parar. O longo lamento de dois ramos que se roçavam trouxeram gotas de suor em sua testa. O ruído dos morcegos na escuridão sobre ela eram asas de criaturas sobrenaturais [...] (MONTGOMERY, 2018, p.126).

A protagonista Anne utilizou a fantasia para criar um lugar aterrorizante na floresta: os galhos, as sombras das árvores transformavam-se em coisas assustadoras. Por isso, a imaginação possui dois lados. Mas os mundos criados pela fantasia da criança, quando externados pela linguagem, demonstram o quanto é normal fantasiar e o quanto elas são criativas. Para superar a solidão, muitas delas criam amigos imaginários, fingem que são heróis, princesas etc.

O impacto causado pela maneira de falar das personagens dos livros pode servir para influenciar os leitores a mudarem de atitudes utilizando a imaginação: eles tornam-se maravilhados com a capacidade criativa das crianças de usarem as palavras e, por consequência, começam a modificar o próprio modo de pensar, e as atitudes também passam a se tornar melhores. Estudos realizados pelo Laboratório de Neurociências e Comportamento do Instituto de Biociências (IB) da Universidade de São Paulo (USP) comprovaram que a imaginação pode ser treinada.¹⁷

Na próxima seção, demonstraremos a metodologia utilizada neste trabalho.

¹⁷ Disponível em : <<http://www.usp.br/agen/repgs/2004/pags/079.htm>> . Acesso em: 04/01/2020

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter analítico-comparativo e bibliográfico, Utilizando-se exclusivamente livros e trabalhos científicos impressos e digitalizados como fonte de informação.

3.2 Universo da Pesquisa

Esta pesquisa tem como universo de estudo as obras literárias *Anne of Green Gables* (1908), de Lucy Maud Montgomery, e *Pollyanna* (1913), de Eleanor H. Porter.

3.3 Técnica de coleta de dados

Para a coleta de dados, foram lidas e analisadas duas obras literárias do gênero romance infanto-juvenil a fim de identificar as diferenças e as semelhanças no que se refere ao uso da imaginação como válvula de escape pelas protagonistas.

3.4 Amostra

Foram utilizadas, como amostra, 14 (quatorze) extratos retirados dos romances *Anne of Green Gables* (1908), da autora canadense Lucy Maud Montgomery, e *Pollyanna* (1913), da americana Eleanor H. Porter, sendo 7 (sete) de cada livro, para comparação e análise.

Na próxima seção, apresentamos as personagens bem como procederemos à análise e discussão dos dados obtidos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A ideia da pesquisa surgiu no mês de junho de 2018 quando, ao assistir a uma série canadense da Netflix chamada *Anne with an E*, percebeu-se o quanto a protagonista da série, Anne Shirley, cativava as pessoas pela sua personalidade romântica e imaginativa. A série foi baseada no livro *Anne of Green Gables*, de Lucy Maud Montgomery, publicado em 1908.

A partir daí, foram pesquisados outros personagens semelhantes a Anne para fins de comparação. Com essa ideia em mente, descobriu-se a personagem Pollyanna, de Eleanor Hodgman Porter, ao ler o livro *Pollyanna* (1913). Foram identificadas semelhanças tanto na série quanto no livro *Anne of Green Gables* (1908). Percebeu-se que a imaginação nas duas protagonistas é uma fonte de libertação, porque elas conseguem mostrar como pensar de maneira otimista e criativa.

Observou-se que é com a ajuda da imaginação que se pode criar pensamentos otimistas e, quando eles são externados pela fala, a emoção da fala transmite uma perspectiva positiva diante das situações negativas e elas passam a ter menos impacto na vida cotidiana das pessoas.

Os extratos que seguem foram apresentados em forma de quadros e traçam um paralelo entre as duas obras; as análises foram feitas com o objetivo de mostrar o uso da imaginação como válvula de escape. Utilizando-se da abordagem qualitativa, os extratos são descritos e analisados, apontando o maior número de semelhanças encontradas nas duas obras literárias. Para iniciarmos as análises, começamos por um elemento da estrutura romance: o narrador ou foco narrativo.

4.1 Narrador ou Foco Narrativo

Quadro 01¹⁸

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<i>There are plenty of people in Avonlea and out of it, who can attend closely to their neighbor's business by dint of neglecting their own; but Mrs. Rachel Lynde was one of those capable creatures who can manage their own concerns and those of other folks into the bargain. She was a notable housewife; her work was always done and well done; (MONTGOMERY, 1908, p.3.)</i>	<i>In the little attic room Nancy swept and scrubbed vigorously, paying particular attention to the corners. There were times, indeed, when the vigor she put into her work was more of a relief to her feelings than it was an ardor to efface dirt—Nancy, in spite of her frightened submission to her mistress, was no saint.. (PORTER, 1913, p.9)</i>

Fonte: a autora

No quadro 01, é analisado o foco narrativo nas obras literárias *Anne of Green Gables* (1908) e *Pollyanna* (1913). A perspectiva da narração em terceira pessoa é predominante, e o narrador-observador-onisciente é mais presente nas duas narrativas. O narrador em terceira pessoa demonstra ter preferência ou antipatia por meio das descrições dos personagens ou revela detalhes que podem ser utilizados para a caracterização moral ou psicológica destes.

O próximo item a ser apresentado será o enredo dos dois livros, no qual serão demonstrados a exposição, a complicação, o clímax e o desfecho.

4.2 Enredo

4.2.1 Obra escrita *Anne of Green Gables*

No livro, a simples e organizada vida dos irmãos Marilla e Matthew Cuthbert em Avonlea muda totalmente com a chegada de Anne Shirley à fazenda Green Gables.

¹⁸Tradução no ANEXO VI. (p.78)

Anne é uma garota de 11 anos, órfã, que foi enviada por engano para ser adotada pelos irmãos Cuthbert. Na verdade, eles esperavam receber um menino, pois isso facilitaria muito a vida de Matthew, que já estava velho e precisava de ajuda na fazenda.

Matthew viaja até a Estação de Bright River para buscar o menino e levá-lo até a fazenda, mas, ao chegar à estação, ele é surpreendido ao ver que tinham deixado uma menina ao invés de um menino. Matthew é muito tímido e não consegue desfazer o engano e contar a verdade para a garota. Ele então toma a decisão de que Marilla consertará as coisas e a enviará de volta ao orfanato.

O longo caminho de volta à fazenda muda a percepção de Matthew com relação à garota, pois Anne tem uma imaginação fértil e sua maneira de conversar o encanta. Ele a percebe tão interessante no modo de falar que gosta dela logo no início da história. E assim acontece com todos os habitantes da pequena Ilha do Príncipe Eduardo. Ao contrário de Matthew, Marília, no início, não aceita Anne na fazenda.

Até mesmo Anne passa a gostar mais de si mesma, aceitando a sua imaginação e impulsividade. Ela adora escrever e ajuda as novas amigas a ampliar a imaginação através do clube de contos. Ela é muito boa em quase todas as matérias na escola, exceto em Geometria, assim como a maioria das crianças.

Após quatro anos em Avonlea, Anne torna-se uma bela jovem e ganha uma bolsa de estudos para Queen's Academy. Após seu retorno para Green Gables, ela tem que lidar com problemas como a morte de Mathew e a possibilidade de Marilla ficar cega. Anne então decide ficar em Green Gables para ensinar crianças e cuidar de Marilla, desistindo de suas aspirações para um curso de quatro anos.

Embora seu futuro profissional tenha diminuído consideravelmente, Anne permanece eternamente otimista e pensa alegremente sobre a vida, sobre os amigos. O livro contagia por apresentar situações reais às crianças da mesma idade de Anne, tais como a busca por novos amigos, a nova escola, a alegria de ter uma família de verdade, as brincadeiras ao ar livre, competição nas salas de aula e muita imaginação.

4.2.2 Obra escrita *Pollyanna*

A história de Polyanna inicia com a Tia Polly Harrington dando ordens à empregada Nancy para organizar a casa a fim de receber a sobrinha orfã após a morte recente do pai. Contudo, a tia de Pollyanna a recebe a contragosto, apenas por saber que é este o seu dever.

Ao chegar à mansão Harrington, Pollyanna transforma a vida da solitária e rígida tia e a si mesma. Apesar das dificuldades encontradas com a resistência da Tia Polly, Pollyanna sempre supera as adversidades com o jogo do contente e ensina a muitas pessoas como jogá-lo. Em pouco tempo a pequena cidade de Beldisgnville passa a conhecê-la e admirá-la. Ela é uma menina de 11 anos de idade, criativa, caridosa, alegre e parece ter somente qualidades. Essa espontaneidade e criatividade em ajudar as pessoas faz de Pollyanna uma espécie de remédio, de tônico de felicidade para alguns habitantes de Beldisgnville.

Essa alegria de Pollyanna, porém, é testada quando ela perde os movimentos das pernas após ser atropelada por um carro. A tia tenta esconder da menina essa triste notícia, mas Pollyanna descobre o que realmente aconteceu quando o gato que ela encontrou na rua abre a porta do corredor onde a tia está conversando com o médico. A partir desse momento ela para de jogar o jogo do contente por não ver mais nenhum motivo para ser feliz de novo. A tia de Pollyanna, que antes a achava um tormento, passa a gostar da menina e fica espantada com as demonstrações de gratidão da cidade inteira. Assim como Anne, Pollyanna também contagia a pequena cidade de Beldginsville.

No próximo item, são apresentados os personagens das duas obras literárias.

4.3 Personagens

Para fins de análise comparativa, as personagens das duas obras primeiramente serão caracterizadas como planas ou redondas. Em seguida, serão abordados os motivos do uso da imaginação como válvula de escape pelas suas protagonistas.

4.3.1 Personagens do romance *Anne of Green Gables*

- Mrs. Thomas: personagem plana, pois não há descrições detalhadas sobre ela. Adota Anne ainda pequena.
- Mrs. Hammond: personagem plana. É a segunda senhora com quem Anne vai morar. Ela tem três pares de gêmeos os quais Anne passa a cuidar. Após algum tempo, por condições financeiras precárias, a senhora Hammond leva Anne para um orfanato.
- Mrs. Spencer: personagem plana. Ela leva Anne para ser adotada pelos Cuthbert.
- Matthew Cuthbert: é um personagem redondo. Ele é o irmão mais velho de um dos mentores de Anne Shirley. Está com 60 anos de idade. É um senhor trabalhador, de personalidade tímida, e tem medo de falar com as mulheres. Ele fuma quando fica muito pensativo ou precisa tomar decisões importantes.
- Marilla Cuthbert: Personagem plana e dinâmica. Mulher descrita com traços geométricos, rígida e determinada.
- Sra. Rachel Lynde: Senhora fofqueira e intrometida. Acha Anne cheia do pecado original. É uma personagem redonda.
- Thomas Lynde: O marido de Rachel Lynde. É descrito como um dócil homenzinho. Personagem plana.
- Anne Shirley: Protagonista da história. É uma menina tagarela, romântica, extremamente orgulhosa e devaneia muito enquanto faz as atividades de casa ou da escola. Odeia Geometria. É inteligente e criativa. Personagem redonda e dinâmica.
- Diana Barry: personagem plana e dinâmica. Menina rica, de cabelos pretos e bochechas rosadas, educada e gentil. Adora ler e passa a maior parte do tempo lendo. Não tem muita imaginação nas brincadeiras e Anne a ajuda nesse quesito. Ela é a “amiga do peito” de Anne em Avonlea.
- Gilbert Blythe: personagem redondo e estático. Inimigo de Anne (apenas para ela), Anne o despreza por ele tê-la apelidado de cenoura (carrot) na escola,

ele é um garoto alto de olhos esverdeados. A partir daquele apelido, Anne o considera seu rival em tudo. Os dois passam a competir na escola. Ele ama Geometria e é muito inteligente.

4.3.2 Personagens do romance *Pollyanna*

- Polly Harrington: personagem redonda. É tia de Pollyanna. É uma mulher amarga, insensível e cuida de Pollyanna como sendo seu “dever”. Passa a ser mentora de Pollyanna;
- Pollyanna Whittier: Personagem redonda. É sobrinha de Polly Harrington. Tem 11 anos de idade, é alegre, otimista e criativa. O nome de Pollyanna é a junção do nome da tia, Polly, e da sua mãe, que se chamava Anna. Protagonista;
- Nancy: personagem plana. Empregada da tia Polly. Animada e competente, ela traz um pouco de alegria nos diálogos da história;
- Jimmy Bean: personagem plana. Menino órfão que é encontrado na rua e Pollyanna tenta arranjar um lar para ele;
- John Pendleton: personagem redondo. Um senhor solitário e triste. É o homem mais rico da cidade, vive em uma mansão na colina;
- Tom: personagem plano. Jardineiro da casa de Polly Harrington;
- Timothy: Filho do jardineiro Tom. Rapaz jovem e alegre. Personagem plano.
- Senhora Snow: personagem redondo. “A senhora do contra”; para ela nada é bom e nem pode melhorar;
- Milly Snow: Filha da senhora Snow. É uma personagem plana;
- Doutor Mead: personagem plano. Vem de Nova York fazer um diagnóstico sobre a situação de Pollyanna depois do acidente;
- Doutor Warren: personagem plano. Doutor da Tia Polly, ele vai até a mansão para examinar Pollyanna;
- Doutor Thomas Chilton: personagem plano. Consegue ajudar Pollyanna a caminhar. É o antigo amor de Polly Harrington;

- Miss Hunt: personagem plana. Enfermeira que cuida de Pollyanna.

No tópico a seguir, foi apresentada uma pequena introdução da situação em que se encontravam as personagens Anne Shirley e Pollyanna Whittier para demonstrar os motivos de uso da imaginação.

4.4 O uso da imaginação como válvula de escape

Nos livros analisados, os motivos de uso da imaginação são: a expectativa, o medo, a solidão, a tristeza, a fantasia e a criatividade. As duas protagonistas são meninas órfãs, muito pobres, e têm esperança de pertencer a alguém. Tudo o que elas possuíam era somente uma pequena mala e poucas roupas.

Anne Shirley, do livro *Anne of Green Gables* (1908), perdeu os pais com apenas três meses de idade. Ela foi criada pela senhora Thomas, uma mulher severa que obrigava Anne a cuidar dos filhos dela em troca de moradia e comida. Com o passar dos anos, a senhora Thomas perde o marido e fica sem condições financeiras de manter a menina na sua casa.

Depois de ter sido rejeitada, a única pessoa que quis acolher Anne foi a senhora Hammond, outra mulher que precisava de alguém para cuidar de crianças e, em troca, ela daria moradia e comida. Na casa dos Hammond, Anne trabalhava o dia inteiro cuidando dos filhos do casal.

Além de ter dias estressantes e de se sentir solitária, Anne tinha de aturar o marido da senhora Hammond, que era violento e alcoólatra. Após a morte do marido, a senhora Hammond fica sem condições de sustentar os filhos, e decide entregá-los aos parentes nos Estados Unidos. Para a tristeza de Anne, ela é abandonada num orfanato.

Ao chegar ao orfanato, eles também a rejeitam porque o local estava superlotado. Ninguém a queria, e a sua vida seguia assim. Suas esperanças renasceram quando ela recebeu a notícia de que seria adotada pelos irmãos Cuthbert, que moravam na fazenda Green Gables, em Avonlea, na Ilha do Príncipe Eduardo. A senhora Spencer fica encarregada de levar a órfã aos novos mentores de Anne.

Pollyanna, do livro *Pollyanna* (1913), perdeu a mãe quando ainda era muito novinha. Ela conviveu muito tempo com o pai, o senhor John Whittier, o qual era pastor de uma pequena igreja. Eles viviam de doações e tudo que eles possuíam chegava no baú dos missionários. No dia do aniversário de Pollyanna, ela queria ganhar de presente uma boneca, mas ganhou apenas um par de muletas.

O pai de Pollyanna vê a tristeza da filha e lhe ensina o jogo do contente, pois temia que a menina tivesse muitas decepções. Ao perder o pai, Pollyanna se apegava mais ainda ao jogo do contente. O tempo passa e, como Pollyanna não tem um lugar para ficar, o senhor Jeremiah O. White envia uma carta a Polly Harrington, uma tia de Pollyanna que mora em Beldingsville, pedindo-lhe que acolha a menina em sua casa, pois os pais morreram e ela não tinha mais onde ficar.

Pollyanna, assim como Anne Shirley, cria expectativas, visualiza a nova alegria de pertencer a algum lugar com alguém que realmente a queira, mas, ao chegar a esses lugares, elas são surpreendidas com situações adversas.

A seguir, foram analisados os primeiros motivos de uso da imaginação nas protagonistas.

Quadro 02¹⁹

Anne of Green Gables	Pollyanna
<p><i>I was beginning to be afraid you weren't coming for me and I was imagining all the things that might have happened to prevent you. I had made up my mind that if you didn't come for me tonight I'd go down the track to that big wild cherry-tree at the bend, and climb up into it to stay all night. I wouldn't be a bit afraid, and it would be lovely to sleep in a wild cherry-tree all white with bloom in the moonshine, don't you think? You could imagine you were dwelling in marble halls, couldn't you? And I was quite sure you would come for me in the morning, if you didn't tonight.</i> (MONTGOMERY, 1908, p.18).</p>	<p><i>Are you Miss—Pollyanna?' she faltered. The next moment she found herself half smothered in the clasp of two gingham-clad arms. 'Oh, I'm so glad, GLAD, GLAD to see you,' cried an eager voice in her ear. 'Of course I'm Pollyanna, and I'm so glad you came to meet me! I hoped you would.' You—you did?' stammered Nancy, vaguely wondering how Pollyanna could possibly have known her—and wanted her. 'You—you did? She repeated, trying to straighten her hat. 'Oh, yes; and I've been wondering all the way here what you looked like,' cried the little girl, dancing on her toes, and sweeping the embarrassed Nancy from head to foot, with her eyes. 'And now I know, and I'm glad you look just like you do look' (PORTER, 1913, p.17).</i></p>

Fonte: a autora

No quadro 02, são demonstrados os primeiros motivos do uso da imaginação pelas protagonistas Anne Shirley e Pollyanna: o medo e a expectativa. Na amostra do livro *Anne of Green Gables* (1908), é possível notar que a protagonista usa a imaginação para reverter sentimentos de medo, e a expectativa da protagonista transforma-se em esperança ao buscar alternativas para possíveis decepções, pois a vida que ela teve no passado foi de muita rejeição e abandono.

Na amostra, uma forma de proteção imaginada por Anne seria dormir na cerejeira e aproveitar a beleza do lugar, pois estaria cercada e protegida dentro de um castelo de mármore. Mesmo se ela tivesse dormido lá, a imaginação dela a faz acreditar que Matthew iria levá-la para o novo lar na fazenda Green Gables.

Anne Shirley, ao receber a notícia de que seria adotada pelos Cuthbert, passa a sonhar com a nova vida que terá na fazenda Green Gables em Avonlea. Ela cria expectativas pelo novo lar e pelas pessoas que irão adotá-la, pois desejava pertencer a

¹⁹Tradução no ANEXO VII. (p.79)

alguém, e o sonho dela estava se tornando realidade. Matthew Cuthbert vai buscá-la na estação de trem e a menina conta a ele a enorme felicidade que sente “Oh, é tão maravilhoso que eu vá viver com vocês, e pertencer a vocês. Eu nunca tive ninguém, nunquinha” (MONTGOMERY, 2018, p.13). No caminho até a fazenda mais uma vez o medo a atormenta:

A todo o momento, um terrível sentimento vinha sobre mim, e eu ficava com tanto medo de que tudo fosse um sonho. Então me beliscava para ver se era real – até lembrei que, mesmo supondo que tudo pudesse ser um sonho, seria melhor continuar sonhando tanto quanto eu pudesse, então parei de me beliscar. (MONTGOMERY, 2018, p.20)

Como a capacidade de imaginar se deve às experiências vividas, Anne, para não sofrer tanto, imagina coisas do tipo “Tomei a decisão de aproveitar esse passeio. Por minha experiência, entendo que uma pessoa pode desfrutar qualquer coisa quando está firmemente decidida a fazer isso” (MONTGOMERY, 2018, p.32). E mais uma vez o pensamento de Anne se sobrepõe às circunstâncias, transformando-a em uma menina determinada, embora muitas vezes sentimental.

Na amostra do livro *Pollyanna* (1913), a protagonista Pollyanna espera ansiosamente receber a única tia na estação de trem e, ao ver a pessoa que foi buscá-la, fica extremamente feliz com ela, pois imagina ser a sua tia Polly. Mas trata-se de Nancy, a empregada da casa.

Ao descobrir que ela não era a tia Polly, a menina parece decepcionar-se, mas logo se recupera dizendo: “Querem saber? Estou contente, afinal, por ela não ter vindo me encontrar; porque agora ainda vou ter minha tia e, além disso, já tenho a senhora. Nancy corou” (PORTER, 2018, p.22). Pollyanna é uma criança muito animada e contagiante. E por ter uma imaginação fértil e ser otimista, ela está sempre procurando algo bom em todas as situações.

A imaginação da protagonista Anne Shirley a auxilia nas amizades, na escola, na igreja, no contato com os pais de Diana Barry e com a Senhora Lynde - a velha fofoqueira da cidade. Anne consegue conquistá-la também. Até os alunos mais

insuportáveis da escola sentem falta da imaginação de Anne, quando ela fica fora da escola algumas semanas, porque ela melhora as ideias de todos.

A imaginação de Pollyanna a auxilia a superar momentos de medo e a faz ter muitas expectativas. Ela demonstra alguns medos, mas depois os transforma em alegrias na esperança de conhecer pessoas novas e ter o carinho de sua tia Polly.

No quadro 03, outros motivos de uso da imaginação analisados foram a solidão e a tristeza das protagonistas.

Quadro 03²⁰

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>[...]When I lived with Mrs. Thomas she had a bookcase in her sitting room with glass doors. There weren't any books in it; One of the doors was broken. Mr. Thomas smashed it one night when he was slightly intoxicated. But the other was whole and I used to pretend that my reflection in it was another little girl who lived in it. I called her Katie Maurice, and we were very intimate. I used to talk to her by the hour, especially on Sunday, and tell her everything. Katie was the comfort and consolation of my life. We used to pretend that the bookcase was enchanted and that if I only knew the spell I could open the door and step right into the room where Katie Maurice lived, instead of into Mrs. Thomas' shelves of preserves and china. And then Katie Maurice would have taken me by the hand and led me out into a wonderful place, all flowers and sunshine and fairies, and we would have lived there happy for ever after(MONTGOMERY, 1908, p.75-76).</p>	<p>[...] father's gone to Heaven to be with mother and the rest of us, you know. He said I must be glad. But it's been pretty hard to do it, even in red gingham, because I wanted him, so; and I couldn't help feeling I OUGHT to have him, specially as mother and the rest have God and all the angels, while I didn't have anybody but the Ladies' Aid (PORTER, 1913, p.21).</p>

Fonte: a autora

Anne Shirley inventava amigos imaginários para ter com quem conversar, pois na casa dos Thomas ela trabalhava o dia inteiro, além de ter que suportar humilhações.

A convivência naquela família tornou-se problemática em virtude do temperamento exaltado e violento do marido da senhora Thomas, o que levava Anne a

²⁰ Tradução no ANEXO VIII. (p.80)

visualizar um meio de escapar daqueles momentos de solidão e tristeza. Assim, Anne criou duas amigas imaginárias: uma se chamava Katie Maurice e a outra, Violetta.

Após se mudar da casa dos Thomas para a casa da família Hammond, Anne fez de um eco a sua amiga imaginária. “Lá acima do rio [...] vivia o mais adorável eco. Devolvia cada palavra que eu dizia, [...] então eu imaginava que era uma menina chamada Violetta. E nós éramos grandes amigas, e eu a amava quase tanto quanto Katie Maurice. [...]” (MONTGOMERY, 2018, p.48). A cada mudança de casa uma amiga imaginária surgia, pois era muito ruim para Anne se sentir solitária naqueles lugares.

Alguns meses depois de sua chegada a Green Gables, Anne havia feito “amizade com a nascente lá no vale – aquela maravilhosa nascente, profunda, clara e fria como o gelo” (MONTGOMERY, 2018, p.20). Ela tinha o sonho de ter uma amiga de verdade e isso acontece quando ela conhece Diana Barry em Avonlea.

Na amostra do livro *Pollyanna* (1913), a protagonista conta um pouco da sua história de vida à empregada Nancy. Depois que o seu pai morreu, sentir-se alegre foi a coisa mais difícil para Pollyanna. Porém, ele pediu que ela tentasse ficar contente em todas as situações, assim ela não sofreria tanto. Ela explica a Nancy que as únicas pessoas que estavam com ela eram as senhoras da igreja. E com relação às amizades de Pollyanna, o livro assim relata:

[...] Não havia crianças nas imediações da propriedade Harrington para brincar com Pollyanna. A casa ficava fora da cidade, e mesmo havendo outras casas não muito distantes, não havia nelas meninas ou meninos com idade próxima à de Pollyanna. No entanto, isso não parecia perturbá-la nem um pouco. -Não, não me importo de jeito nenhum – tinha explicado para Nancy. – Já fico feliz só de andar por aí e ver as ruas e casas, e observar as pessoas. Amo pessoas. Você também, Nancy? [...] (PORTER, 2018, p.15).

E assim a solidão de Pollyanna é amenizada com as pessoas que ela conhece em Beldingsville, pois ela usava o pensamento para se contentar com o que tinha por perto. Em pouco tempo, ela conheceu todos os moradores da cidade, mas sua tia nem imaginava isso. Na mansão Harrington, ela se sente mais acolhida pela empregada, Nancy, do que pela própria tia.

No próximo quadro, foi analisada a fantasia das crianças nas duas protagonistas.

Quadro 04²¹

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p><i>We have got our house fixed up elegantly. You must come and see it, [...] We have great big stones, all covered with moss, for seats, and boards from tree to tree for shelves. And we have all our dishes on them. Of course, they're all broken but it's the easiest thing in the world to imagine that they are whole. There's a piece of a plate with a spray of red and yellow ivy on it that is especially beautiful. We keep it in the parlor and we have the fairy glass there, too. The fairy glass is as lovely as a dream. Diana found it out in the woods behind their chicken house. [...] and Diana's mother told her it was broken off a hanging lamp they once had. But it's nice to imagine the fairies lost it one night when they had a ball, so we call it the fairy glass. Matthew is going to make us a table. Oh, we have named that little round pool over in Mr. Barry's field Willowmere [...] (MONTGOMERY, 1908, p.117).</i></p>	<p><i>Pollyanna had not hung up three of the pendants in the sunlit window before she saw a little of what was going to happen. She was so excited then she could scarcely control her shaking fingers enough to hang up the rest. But at last her task was finished, and she stepped back with a low cry of delight. It had become a fairyland that sumptuous, but dreary bedroom. Everywhere were bits of dancing red and green, violet and orange, gold and blue. The wall, the floor, and the furniture, even to the bed itself, were aflame with shimmering bits of color. 'Oh, oh, oh, how lovely!' Breathed Pollyanna; Oh, how I wish I had a lot of those things! How I would like to give them to Aunt Polly and Mrs. Snow and lots of folks [...] get so glad she couldn't help banging doors if she lived in a rainbow like that. Don't you?' Mr. Pendleton laughed (PORTER, 1913, p.148-149).</i></p>

Fonte: a autora

Na amostra do quadro 04, a fantasia das duas personagens foi utilizada como meio de fugir um pouco da realidade, concedendo às coisas normais algo de inusitado e empolgante. Dentre outras criações, as meninas transformam louças, florestas e vestidos em coisas surreais por meio da imaginação.

A protagonista Anne Shirley é muito sonhadora. Na amostra, ela e a amiga Diana Barry encontraram uma lamparina quebrada e a transformam em um cristal das fadas. As louças quebradas são consertadas na imaginação. Outras situações fantasiosas que acontecem no livro são quando Anne não gosta do nome de alguma coisa e tudo ganha um nome novo “Quando eu não gosto do nome de algum lugar ou pessoa, sempre

²¹ Tradução no ANEXO IX. (p.81)

imagino um novo, e sempre penso neles dessa forma”. (MONTGOMERY, 2018, p.14), como é demonstrado no trecho a seguir:

A “Avenida”, assim chamada pelo povo de Newbridge, era um trecho de estrada de quatro ou cinco centenas de metros de comprimento, com enormes macieiras completamente arqueadas cobrindo o caminho, [...] A beleza do lugar pareceu ter deixado a criança sem fala. Recostou-se na carroça, as mãozinhas entrelaçadas à sua frente, sua extasiada face olhando para o branco esplendor acima. [...] Oh, Mr. Cuthbert, aquele local por onde passamos – o local todo branco – o que era? – ela sussurrou. — Ah, bem, você deve estar se referindo à Avenida – disse Matthew, depois de uns minutos de profunda reflexão — É um lugar bonito. — Bonito? Oh, bonito não me parece a palavra certa a ser utilizada. Nem lindo, tampouco. Elas não vão longe o bastante. Oh, era maravilhoso – maravilhoso. É a primeira coisa que já vi que não pode ser melhorada com a imaginação. [...] Não tem sentido um nome como este. Deveriam chamá-lo – deixe-me ver – Caminho Branco de Deleites. Não é um ótimo nome imaginário? . (MONTGOMERY, 2018, p. 45)

No decorrer dos capítulos, outro exemplo de nome fantasioso acontece quando Anne vê o lago dos Barry. Ela o chama de “Lagoa das Águas Brilhantes”. (MONTGOMERY, 2018, p.16). Ela também muda o nome das pessoas “Havia uma garota no orfanato, cujo nome era Hepzibah Jenkins, mas eu sempre a imaginei como Rosalia De Vere”. (MONTGOMERY, 2018, p.20). As roupas feias de Anne também ganham um novo brilho por meio da fantasia, conforme se vê abaixo:

Eu simplesmente amo roupas bonitas. E nunca tive um vestido bonito em toda a minha vida, pelo menos que eu me lembre – mas é claro que existem coisas muito mais importantes para se almejar, não é mesmo? E então posso imaginar que estou vestida lindamente. Esta manhã, quando fui embora do orfanato, senti-me tão envergonhada por ter de usar este vestido de chita velho e horrendo. Todos os órfãos têm de usá-lo, sabe. [...] Quando entramos no trem, eu senti como se todas as pessoas estivessem olhando pra mim, e sentindo pena. Mas então minha imaginação começou a trabalhar, e eu fantasiei que estava usando o mais lindo vestido de seda azul pálido – porque quando se está imaginando, sempre se pode imaginar algo que valha a pena – e um grande chapéu todo florido, com plumas balançando, e um relógio de ouro, luvas de pelica e botas. Alegrei-me na hora, e aproveitei minha viagem até a ilha com toda a minha vontade. (MONTGOMERY, 2018, p.18)

As ideias da Anne surpreendem por ela ser muito criativa.

Na amostra do livro *Pollyanna*, a protagonista sonha estar em um arco-íris por causa do prisma colocado ao sol. Ela sente-se como em um conto de fadas por haver

muitas cores dançando nas paredes do quarto. Aquilo a deixa muito feliz. Ressalte-se que, no romance, esta é a única amostra sobre fantasia encontrada.

No quadro 05, outro motivo de uso da imaginação analisado nas protagonistas foi a criatividade.

Quadro 05²²

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p><i>Let you and me have a story club all our own and write stories for practice. I'll help you along until you can do them by yourself. You ought to cultivate your imagination, you know. [...] "It's extremely interesting," Anne told Marilla. "Each girl has to read her story out loud and then we talk it over. We are going to keep them all sacredly and have them read to our descendants. We each write under a feather name. Mine is Rosamond Montmorency. All the girls from pretty well. Ruby Gillis is rather sentimental. She puts too much lovemaking into her stories and you know too much is worse than too little. Jane never puts any because she says it makes her feel so silly when she had to read it out loud. Jane's stories are extremely sensitive. Then Diana puts too many murders into hers. She says most of the time she doesn't know what to do with the people so she kills them off to get rid of them. I mostly always have to tell them what to write about, but that's not hard for I've seen millions of ideas"</i></p> <p>(MONTGOMERY, 1908, p.264-265).</p>	<p><i>'You don't seem ter see any trouble bein' glad about everythin',' retorted Nancy, choking a little over her remembrance of Pollyanna's brave attempts to like the bare little attic room. Pollyanna laughed softly. 'Well, that's the game, you know, anyway. "The—GAME?" 'Yes; the 'just being glad' game. 'Whatever in the world are you talkin' about?' "Why, it's a game. Father told it to me, and it's lovely,' re-joined Pollyanna. 'We've played it always, ever since I was a little, little girl. I told the Ladies' Aid, and they played it some of them. 'What is it? I ain't much on games, though. 'Pollyanna laughed again, but she sighed, too; and in the gathering twilight her face looked thin and wistful. 'Why, we began it on some crutches that came in a missionary barrel."CRUTCHES!" "Yes. You see I'd wanted a doll, and father had written them so; but when the barrel came the lady wrote that there hadn't any dolls come in, but the little crutches had. So she sent 'em along as they might come in handy for some child, sometime. And that's when we began it (PORTER, 1913, p.33-34).</i></p>

Fonte: a autora

Na amostra do livro *Anne of Green Gables* (1908), Anne Shirley é uma menina muito inteligente e usa a imaginação para treinar a criatividade das suas amigas através da escrita, pois ela possui muitas ideias e também foi uma maneira de focalizar as criações imaginárias dela.

²² Tradução no ANEXO X. (p.82)

As meninas se saem muito bem com esse treinamento e criam muitas histórias, inventando contos diversos como romance, terror, mistério e assassinatos. Na amostra do livro *Pollyanna* (1913), a criatividade em Pollyanna é realizada através de um jogo em que as pessoas criam situações ou soluções boas através do pensamento. É “o jogo do contente”, o qual foi criado pelo seu pai quando a menina recebeu um par de muletas ao invés de uma boneca no dia do aniversário dela. O pai de Pollyanna faz a menina refletir e perceber que não precisa realmente delas, e assim ela poderia ficar feliz em qualquer situação.

A partir do jogo, Pollyanna passa a concretizar coisas boas e a usá-las a seu favor, ajudando a si própria e aos outros. Os problemas se tornam simples com esse jogo, e a protagonista procura soluções de forma criativa e as aplica à realidade dos personagens secundários.

O próximo item analisado foi o tempo das narrativas.

4.5 Tempo

4.5.1 Obra escrita *Anne of Green Gables*

A história de Anne é contada na virada do século XIX. O tempo cronológico da narrativa segue o percurso das mudanças das estações do ano. A narrativa da história assim inicia: “Numa tarde do início do mês de junho, ela estava sentada ali; o sol entrava pela janela, quente e brilhante; o pomar, um pouco mais abaixo da casa, estava em um rubor nupcial de flores rosadas, com uma miríade de abelhas zunindo” (MONTGOMERY, 2018, p.6). A história possui um tempo cronológico de quatro anos.

O tempo psicológico acontece sempre que a protagonista Anne relembra o passado, desde quando foi abandonada até as invenções que ela utilizou para superar as situações fazem parte desse tempo. Como exemplo, segue o trecho abaixo, em que Gilbert tenta pedir perdão mais ela não aceita e o ignora, a partir desse episódio, ele ignora Anne totalmente e decide que não será amigo dela e a menina fica triste por ter percebido que gostava dele:

De repente, como parecia, e para seu secreto desgosto, descobriu que o antigo ressentimento que havia alimentado contra ele tinha acabado - acabado justamente quando ela mais precisava de seu poder sustentador. Em vão se lembrava de cada incidente e emoção daquela memorável ocasião e tentava sentir a antiga e satisfatória raiva. Tinha testemunhado sua última espasmódica centelha naquele dia, na lagoa. Anne se deu conta de que havia perdoado e esquecido sem perceber. Mas era muito tarde. (MONTGOMERY, 2018, p.185)

4.5.2 Obra escrita *Pollyanna*

A história é contada no início do século XX e a narrativa inicia da seguinte forma: “Miss Polly Harrington entrou meio apressada na cozinha naquela manhã de junho”. (PORTER, 2018, p.11). No tempo cronológico foram encontrados os meses de junho até setembro. No livro de *Pollyanna* o tempo psicológico ocorre quando Miss Polly Harrington recebe a carta de que precisaria acolher a menina em sua casa:

[...] Sentada, com a carta na mão, seu pensamento se voltou para a irmã, Jennie, a mãe da criança, e para o tempo em que Jennie, uma moça de 20 anos, tinha teimado em se casar com o jovem pastor, apesar de todos os protestos da família. Um homem rico queria se casar com ela, e a família preferia esse homem ao ministro religioso; mas Jennie, não. (PORTER, 2018, p.13)

Na amostra o pensamento a faz retornar ao tempo em que a irmã era viva. Outros exemplos de tempo psicológico acontecem nas seguintes situações: quando *Pollyanna* relembra os anos em que vivia com o pai e as senhoras da igreja, quando o velho Tom relembra como Miss Polly era alegre antes de ter se decepcionado com um namoro e também acontece ao lembrar a personalidade de Miss Jennie (mãe de *Pollyanna*), John Pendleton relembra a antiga noiva (Miss Jennie), ao saber que *Pollyanna* era filha dela e talvez ele teria sido o pai da menina, se a mãe dela não tivesse fugido com o pastor (John Whittier).

Miss Polly Harrington relembra o antigo amor e como foi orgulhosa ao deixá-lo ir embora depois de muitos anos ela volta a falar com o Doutor Chilton e eles fazem as pazes.

A seguir, foram analisados os espaços onde a narrativa dos dois livros acontece.

4.6 Espaço

Quadro 06²³

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<i>“Avonlea occupied a little triangular peninsula jutting out into the Gulf of St. Lawrence” (MONTGOMERY, 1908, p.4).</i>	<i>Pollyanna would arrive in Beldingsville (PORTER, 1913, p.18).</i>

Fonte: a autora

Em *Anne of Green Gables* (1908), o cenário dominante é a cidade fictícia de Avonlea e a fazenda Green Gables. Os espaços encontrados no livro são: a casa da senhora Rachel Lynde, a estação de Bright River, a avenida (o caminho branco dos deleites) e Barry’s Pond (a lagoa das águas brilhantes). A fazenda Green Gables possuía uma sala de jantar, um quintal descrito assim: “Era um quintal muito verde e precisamente bem cuidado, com magníficos salgueiros patriarcais, de um lado, e delicados lombardos do outro”. (MONTGOMERY, 2018, p.7)

O ambiente rural juntamente com a bela natureza evocava muitos sentimentos na protagonista Anne Shirley, como relata Montgomery (2018, p.27-28):

A grande cerejeira crescia do lado de fora, tão perto que seus ramos batiam contra a casa, e tão cheios de flores que as folhas mal podiam ser vistas. Em ambos os lados da residência havia grandes pomares, um de macieira e outra de cerejeira, também cobertos de flores; e o gramado estava todo salpicado com dentes-de-leão. No jardim, abaixo, estavam as floridas árvores de lilases, e sua vertiginosa fragrância adocicada era levada até a janela pela brisa matinal. Mais além do jardim, um campo verdejante repleto de trevos descia até o vale onde o riacho corria, e onde crescia um grande número de bétulas brancas brotando alegremente da vegetação rasteira, e sugerindo encantadoras possibilidades de samambaias, musgos e espécies típicas dos bosques, no geral. Mais ao longe havia um morro verde e emplumado de abetos vermelhos e pinheiros, com uma fenda por onde era visível a extremidade da cumeeira cinza da pequena casa que ela vira no outro lado da Lagoa das Águas Brilhantes. À esquerda estavam os grandes celeiros e, além, bem mais abaixo, sobre os verdes campos de uma encosta íngreme, tinha-se a cintilante visão do mar azul. Os olhos de Anne, amantes da beleza, demoraram-se nessa visão, captando vorazmente todas essas coisas. Ela já havia visto tantos lugares

²³ Tradução no ANEXO XI. (p.83)

desagradáveis em sua vida, pobre criança: porém, este local era mais adorável do que qualquer um com o qual ela já tivesse sonhado.

A fazenda e a natureza influenciavam a protagonista com o sentimento de pertencer aos lugares, pois a menina se encantava com as paisagens de Avonlea. Isso a ajudava a imaginar que estava em um sonho e que viver lá era a concretização dos mais belos sonhos que ela possuía. E ela dava o devido valor à natureza através da imaginação e das brincadeiras.

Na fazenda Green Gables havia também quarto de hóspedes, cozinha, o quartinho do sótão do lado leste (quarto de Anne Shirley), quarto da Marilla, quarto do Mathew e um celeiro. No livro, há também a casa dos Barry, escola de Avonlea, escola dominical, igreja de Avonlea, Casa paroquial, clube dos contos e a classe para queen's academy.

No livro *Pollyanna* (1913), o espaço em que acontece a história situa-se na fictícia Beldingsville, Vermont, Estados Unidos, na mansão Harrington. Os espaços encontrados na mansão foram os seguintes: à frente da casa há um jardim; depois do jardim um caminho estreito atravessava um campo aberto e subia uma colina, onde havia um pinheiro e uma pedra. (O primeiro lugar que Pollyanna vai conhecer na cidade e chega atrasada para o jantar).

A mansão possuía um *hall*, sala de jantar, sala de estar, cozinha, quarto do sótão (o primeiro quarto de Pollyanna), a escada do sótão, o telhado de metal do jardim de inverno que fica acima do *porté cochere* (Pollyanna tenta dormir lá, mas é pega pela Tia Polly), o quarto da Polly Harrington, há uma loja de tecidos (aonde Polly Harrington compra roupas novas para Pollyanna), Casa e quarto da senhora Snow, casa, quarto, sala e biblioteca do senhor Jonh Pendleton, Colina Pendleton, Bosque Little Eagle (Pollyanna encontra Jonh Pendleton com a perna quebrada no bosque).

Outros espaços: a escola, a escola dominical e igreja. Charrete do Doutor Chilton, escritório do Reverendo Ford e a estrada onde Pollyanna foi atropelada. A mansão Harrington era a realização de um sonho para Pollyanna, pois lá havia tudo o que ela não possuía antes. Nos espaços da obra o que se observa é que a protagonista alcançava um sentimento de pertencimento, alegria e solidariedade.

4.7 Influências da imaginação nos personagens secundários

Quadro 07²⁴

Anne of Green Gables	Pollyanna
<p>[...] ‘Oh, I like things to have handles even if they are only geraniums. It makes them seem more like people. How do you know but that it hurts a geranium’s feelings just to be called a geranium and nothing else? You wouldn’t like to be called nothing but a woman all the time. Yes, I shall call it Bonny. I named that cherry-tree outside my bedroom window this morning. I called it Snow Queen because it was so white. Of course, it won’t always be in blossom, but one can imagine that it is, can’t one?’ ‘I never in all my life say or heard anything to equal her,’ muttered Marilla, beating a retreat down to the cellar after potatoes. ‘She is kind of interesting as Matthew says. I can feel already that I’m wondering what on earth she’ll say next. She’ll be casting a spell over me, too. She’s cast it over Matthew. That look he gave me when he went out said everything he said or hinted last night over again. I wish he was like other men and would talk things out. A body could answer back then and argue him into reason. But what’s to be done with a man who just LOOKS?’ (MONTGOMERY, 1908, p.46-47).</p>	<p>Pollyanna ate her bread and milk with good appetite; then, at Nancy’s suggestion, she went into the sitting room, where her aunt sat reading. Miss Polly looked up coldly. ‘Have you had your supper, Pollyanna?’ ‘Yes, Aunt Polly. I’m very sorry, Pollyanna, to have been obliged so soon to send you into the kitchen to eat bread and milk. ‘But I was real glad you did it, Aunt Polly. I like bread and milk, and Nancy, too. You mustn’t feel bad about that one bit. ‘Aunt Polly sat suddenly a little more erect in her chair. ‘Pollyanna, it’s quite time you were in bed. You have had Pollyanna a hard day, and tomorrow we must plan your hours and go over your clothing to see what it is necessary to get for you. Nancy will give you a candle. Be careful how you handle it. Breakfast will be at half-past seven. See that you are down to that. Goodnight. ‘Quite as a matter of course, Pollyanna came straight to her aunt’s side and gave her an affectionate hug. ‘I’ve had such a beautiful time, so far,’ she sighed happily. I know I’m going to just love living with you but then, I knew I should before I came. Goodnight,’ she called cheerfully, as she ran from the room. ‘Well, upon my soul!’ Ejaculated Miss Polly, half aloud. ‘What a most extraordinary child!’ Then she frowned. ‘She’s ‘glad’ I punished her, and I ‘mustn’t feel bad one bit,’ and she’s going to ‘love to live’ with me! Well, upon my soul!’ ejaculated Miss Polly again, as she took up her book (PORTER, 1913, p.38).</p>

Fonte: a autora

²⁴ Tradução no ANEXO XII. (p.84)

Na amostra do quadro 07, Marilla demonstra as opiniões que tem sobre Anne. No início, ela não queria aceitar Anne em *Green Gables*, pois a primeira impressão que a menina lhe causou foi a de ser tagarela e não ter o mínimo de educação.

Marilla era uma mulher rígida, insensível, determinada e gostava de moralismos. Ela decide educar a menina e sempre a observa fazendo as atividades domésticas. Durante o período em que Anne foi aceita na fazenda, Marilla “[...] havia concluído que Anne tinha a tendência de sonhar durante a tarefa e esquecia-se completamente do que estava fazendo, até que fosse severamente chamada de volta a terra por uma advertência ou uma catástrofe. [...]” (MONTGOMERY, 2018, p.44). Isso fazia Marilla ficar de olho na menina.

Marilla não gostava da maneira peculiar como Anne falava, era muito estranho para uma criança de 11 anos. Mas esse mesmo palavreado de Anne foi aos poucos conquistando Marilla. Como demonstra a autora Montgomery (2018, p.51): “Marilla permitia a “tagarelice” até perceber que ela própria se tornava interessada demais no assunto. Nesse momento, sempre reprimia Anne prontamente, com um curto comando para que segurasse a língua”.

Marilla Cuthbert muda aos poucos o modo de pensar ao sentir o quanto Anne faz diferença na convivência com os Cuthbert. Até as paisagens de Avonlea ganharam um novo olhar com Anne por perto. No capítulo nove, Marilla confessa à senhora Lynde, que “[...] Anne faz bem a ela e a Matthew e admite que a casa parece um lugar diferente. Ela é realmente uma criança brilhante [...]” (MONTGOMERY, 2018, p.51). Anne muitas vezes fala o que Marilla pensa e ela admite isso em muitas situações, por exemplo, quando a menina critica a senhora Lynde,²⁵ quando ela critica os sermões da igreja e outros modos da sociedade de Avonlea. Anne ajuda Marilla de muitas maneiras, apesar dos longos diálogos sem nexos que a menina fala.

Marilla sente como se Anne estivesse morando na fazenda há muito tempo, tendo apenas três semanas que ela havia chegado a *Green Gables*. Na educação de Anne, Marilla sempre colocava moralismos, mas todos passavam despercebidos pela

²⁵Amostra do Quadro 09.

menina. Ela ensina Anne a orar e a costurar, mas, assim como Pollyanna, Anne não encontra nessas atividades espaço para a imaginação, ou seja, para viver. Marilla torna-se levemente humorada e carinhosa. No capítulo 27 do livro, após a morte de Matthew, ela desabafa e aceita Anne verdadeiramente, declarando:

Quero falar agora, enquanto posso. Para mim, nunca foi fácil expressar as coisas que estão no meu coração; mas em ocasiões como esta, fica um pouco mais fácil. Eu amo você, e a estimo tanto quanto se fosse minha alegria e conforto desde que chegou a Green Gables (MONTGOMERY, 2018, p.225).

A presença contagiante de Anne transformou a maneira de ser da rígida Marilla, deixando-a flexível diante das situações. Por outro lado, mesmo que Marilla continuasse a querer impor seus moralismos à menina, ela própria tomou consciência da sua mudança interior. Se antes ela pensava de forma objetiva e direta sobre as pessoas e sobre a vida, passa a analisar os sentimentos dela sobre Anne.

Na amostra do quadro 07 do livro *Pollyanna* (1913, p.15), a tia de Pollyanna, no começo, sente-se obrigada a cumprir um dever, que é cuidar da sobrinha. Ela é insensível e orgulhosa. No primeiro dia de Pollyanna na mansão, a menina é obrigada a dormir no sótão e a comer pão e leite por não ter chegado no horário combinado para o jantar.

Porter (2018, p.35) demonstra o comportamento da tia de Pollyanna no trecho seguinte, depois de a menina ter ido comer na cozinha:

Miss Polly levantou os olhos friamente. – Comeu seu jantar, Pollyanna? – Comi Tia Polly. - Eu sinto muito, Pollyanna, por ter sido obrigada, tão cedo, a mandá-la comer pão e tomar leite na cozinha.

Mas Pollyanna respondia simplesmente “Mas fiquei mesmo contente porque fez isso, Tia Polly [...]” (PORTER, 2018, p.35), e isso deixava sua tia enlouquecida, pois todo castigo que ela aplicava em Pollyanna se transformava em benefício para a menina. Na verdade, ela achava Pollyanna uma criança incomum.

Polly Harrington, apesar de consciente da própria beleza, havia perdido o interesse em cuidar da sua aparência; já não lhe interessava mais a vaidade.

Pollyanna, porém, elogia a tia sobre tudo o que ela tem de bonito, o cabelo, as bochechas, as roupas, deixando a tia impotente com o carinho e a alegria de Pollyanna.

No livro, sua tia sempre a trata com rigidez, mas a menina a comove aos poucos, com pequenas demonstrações de carinho. Polly Harrington, então, começa a sentir que, sem Pollyanna, a vida dela é monótona. No penúltimo capítulo do livro, quando Pollyanna é atropelada, sua tia percebe o quanto aquela criança é importante para ela.

A partir daí, ela aprende a jogar o jogo do contente, modificando a sua maneira de pensar e agir. Ela quebra todo o orgulho e se rende a um antigo amor que tinha na cidade, o Doutor Chilton. Pollyanna a ajuda a ser uma pessoa melhor e amável.

Quadro 08²⁶

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<i>[...] Well, that is one of the things to find out sometime. Isn't it splendid to think of all the things there are to find out about? It just makes me feel glad to be alive— it's such an interesting world. It wouldn't be half so interesting if we know all about everything, would it? There'd be no scope for imagination then, would there? But am I talking too much? People are always telling me I do. Would you rather I didn't talk? If you say so I'll stop. I can STOP when I make up my mind to it, although it's difficult. Matthew, much to his own surprise, was enjoying himself. Like most quiet folks he liked talkative people when they were willing to do the talking themselves and did not expect him to keep up his end of it. But he had never expected to enjoy the society of a little girl (MONTGOMERY, 1908, p.21).</i>	<i>It rained the next time Pollyanna saw the Man. She greeted him, however, with a bright smile. 'It isn't so nice today, is it?' she called blithesomely. 'I'm glad it doesn't rain always, anyhow!' The man did not even grunt this time, nor turn his head. Pollyanna decided that of course he did not hear her. The next time, therefore (which happened to be the following day), she spoke up louder. She thought it particularly necessary to do this, anyway, for the Man was striding along, his hands behind his back, and his eyes on the ground which seemed, to Pollyanna, preposterous in the face of the glorious sunshine and the freshly-washed morning air: Pollyanna, as a special treat, was on a morning errand today. 'How do you do? (PORTER, 1913, p.70-71).</i>

Fonte: a autora

Nas amostras do quadro 08, são apresentadas as influências das protagonistas nos personagens Matthew Cuthbert e John Pendleton. Anne prende a atenção de

²⁶ Tradução no ANEXO XIII. (p.85)

Matthew com um falatório muito sofisticado para a idade dela. Ela é a primeira a falar com ele na estação de trem, pois ele é um homem tímido e tem pavor de falar com mulheres; falava somente com a irmã Marilla e a amiga dela, a senhora Rachel Lynde.

Ao conhecer Anne, a vida de Matthew passa a ter um novo sentido, que é cuidar da menina órfã e fazer bem a ela. Ele admira a personalidade dela e torna-se mais alegre e dedicado. Muitas vezes ele ajuda Anne a pensar de forma simples e direta. Desde o início da história, a menina o conquista. Matthew começa a questionar-se e a dar opiniões. Em certa ocasião, para surpresa de todos, ele é quem vai até a cidade para comprar vestidos de mangas bufantes para Anne, e pede à senhora Lynde para costurá-los porque Marilla não aceita vaidades na sua casa, e mangas bufantes, segundo ela, são desperdício de tecido.

Ele adorava as histórias que Anne contava. No capítulo 26, Matthew, bem mais velho depois de quatro anos, declara o seu amor pela crescida e agora bolsista Anne. Ela relembra de quando chegou à fazenda e comenta com ele:

—Se eu fosse o menino que vocês queriam, poderia ajudá-lo muito agora e poupá-lo de mil maneiras. Só por isso pude encontrar, no meu coração, o desejo de ter sido um menino – comentou Anne, melancólica. — Ora, eu preferiria ter você a uma dúzia de meninos, Anne – respondeu Matthew, afagando-lhe a mão – Apenas lembre-se: uma dúzia de meninos. Bem, suponho que não foi um rapaz que ganhou a bolsa Avery, foi? Foi uma menina – a minha menina – minha menina, de quem eu tenho tanto orgulho. Ele deu a Anne seu sorriso tímido enquanto entrava no quintal. Anne levou aquela memória consigo quando foi para seu quarto naquela noite, e se sentou por longo tempo ao lado da janela aberta, pensando no passado e sonhando com o futuro (MONTGOMERY, 2018, p.222).

A principal mudança de Matthew foi a alegria de ter ficado com a pequena Anne Shirley e se entreter com as histórias criativas dela.

Na amostra do quadro 08 do livro *Pollyanna* (1913), o tímido, porém arrogante senhor Jonh Pendleton, considera a menina Pollyanna muito ousada por ter falado com ele. A vida dele muda quando ele passa a perceber as coisas simples do dia a dia. Ele é um senhor triste e solitário e mora em uma mansão na Colina Pendleton.

Pollyanna sempre tomava iniciativa para fazer amizade com ele, pois andava sempre de cabeça baixa e não era receptivo. Os cidadãos inventavam histórias sobre o

senhor Jonh Pendleton, eles dizem que era um homem misterioso e escrevia sobre bugigangas que encontrava nas viagens que fazia. Segundo a empregada Nancy “as pessoas acham que ele é doido, outras pensam que é só rabugento, e tem gente que fala que tem um esqueleto no armário dele” (PORTER, 2018, p. 58). Nancy ri dessas insinuações, pois sabe que Pollyanna entende tudo literalmente, e a menina fica um pouco assustada com “esqueleto no armário”. A menina depois de ouvir essas histórias sobre John Pendleton diz: “mas é um homem interessante, e diferente também, assim como a senhora Snow... Só que ele é um diferente diferente” (PORTER, 2018, p. 59).

A influência de Pollyanna na vida do senhor Jonh Pendleton transforma o modo de agir dele como demonstra Porter (2018, p.57):

[...] ele a olhou diretamente nos olhos com uma expressão tão enigmática e engraçada que ela até o achou simpático. - Boa tarde - ele a cumprimentou, num tom meio formal. - Talvez seja melhor dizer logo que sei que o sol está brilhando hoje. -mas não tem que me dizer isso- Pollyanna acenou com a cabeça, animada. - Eu percebi que sabia, assim que vi o senhor hoje. -Oh, você percebeu... Você percebeu?! - Sim, vi isso nos seus olhos e, também, no seu sorriso. -Ora! - ele gemeu e continuou a andar. Depois disso o homem sempre falava com Pollyanna, e frequentemente era ele que falava primeiro, embora apenas dissesse “Boa tarde”.

Senhor Pendleton tornou-se bem humorado, chegou a amar a pequena Pollyanna a ponto de querer adotá-la, pois assim ele ficaria feliz pelo resto da vida. E ter a companhia de uma criança em sua casa mudaria extremamente a rotina da enorme mansão. O único visitante era o Doutor Chilton. Pollyanna não aceita morar com ele, mas depois que ela sofre um acidente ele adota o Jimmy Bean, um menino de rua que ficaria muito feliz em ter um lar e para a surpresa de todos. O senhor Pendleton ganha uma nova rotina de vida, mais alegre e movimentada.

Quadro 09²⁷

Anne of Green Gables	Pollyanna
<p>Anne had been a fortnight at Green Gables before Mrs. Lynde arrived to inspect her. Anne came running in presently, her face sparkling with the delight of her orchard ravings; but, abashed at finding the delight herself in the unexpected presence of a stranger, she halted confusedly inside the door. She certainly was an odd-looking little creature in the short tight wincey dress she had worn from the asylum, below which her thin legs seemed ungracefully long. Her freckles were more numerous and obtrusive than ever; the wind had ruffled her hatless hair into over-brilliant disorder; it had never looked redder than at that moment. 'Well, they didn't pick you for your looks, that's sure and certain,' was Mrs. Rachel Lynde's emphatic comment. Mrs. Rachel was one of those delightful and popular people who pride themselves on speaking their mind without fear or favor. 'She's terrible skinny and homely, Marilla. Come here, child, and let me have a look at you. Lawful heart, did any one ever see such freckles? And hair as red as carrots! Come here, child, I say.'</p> <p>Anne 'came there,' but not exactly as Mrs. Rachel expected. With one bound she crossed the kitchen floor and stood before Mrs. Rachel, her face scarlet with anger, her lips quivering, and her whole slender form trembling from head to foot. 'I hate you,' she cried in a choked voice, stamping her foot on the floor. 'I hate you—I hate you—I hate you—' a louder stamp with each assertion of hatred. 'How dare you call me skinny and ugly? How dare you say I'm freckled and redheaded? You are a rude, impolite, unfeeling woman!' 'Annel' exclaimed Marilla in consternation. But Anne continued to face Mrs. Rachel undauntedly, head up, eyes blazing, hands clenched, passionate indignation exhaling from her like an atmosphere. 'How dare you say such things about me?' she repeated vehemently. 'How would you like to have such things said about you? How would you like to be told that you are fat and clumsy and probably hadn't a spark</p>	<p>[...]Pollyanna was carrying calf's foot jelly to Mrs. Snow today. Miss Polly Harrington always sent something to Mrs. Snow once a week. She said she thought that it was her duty, inasmuch as Mrs. Snow was poor, sick, and a member of her church it was the duty of all the church members to look out for her, of course. Miss Polly did her duty by Mrs. Snow usually on Thursday afternoons not personally, but through Nancy. Today Pollyanna had begged the privilege, and Nancy had promptly given it to her in accordance with Miss Polly's orders. 'And it's glad that I am ter get rid of it,' Nancy had declared in private afterwards to Pollyanna; 'though it's a shame ter be tuckin' the job off on ter you, poor lamb, so it is, it is!' 'But I'd love to do it, Nancy.' 'Well, you won't after you've done it once,' predicted Nancy, sourly. 'Why not?' 'Because nobody does. If folks wa'n't sorry for her there wouldn't a soul go near her from mornin' till night, she's that cantankerous. All is, I pity her daughter what HAS ter take care of her.' 'But, why, Nancy?' Nancy shrugged her shoulders. 'Well, in plain words, it's just that nothin' what ever has happened has happened right in Mis' Snow's eyes. Even the days of the week ain't run ter her mind. If it's Monday she's bound ter say she wished 'twas Sunday; and if you take her jelly you're pretty sure ter hear she wanted chicken but if you DID bring her chicken, she'd be jest hankerin' for lamb broth!' 'Why, what a funny woman,' laughed Pollyanna. 'I think I shall like to go to see her. She must be so surprising and— and different. I love DIFFERENT folks.' [...](PORTER, 1913, p.61).</p>

²⁷ Tradução no ANEXO XIV. (p.86)

<p><i>of imagination in you? I don't care if I do hurt your feelings by saying so! I hope I hurt them. You have hurt mine worse than they were ever hurt before even by Mrs. Thomas' intoxicated husband. And I'll NEVER forgive you for it, never, never!' Stamp! Stamp! 'Did anybody ever see such a temper!' exclaimed the horrified Mrs. Rachel. 'Anne go to your room and stay there until I come up,' said Marilla, recovering her powers of speech with difficulty. (MONTGOMERY, 1908, p.83-84).</i></p>	
---	--

Fonte: a autora

Nas amostras do quadro 09, são demonstradas as influências das protagonistas nos personagens senhora Rachel Lynde e senhora Snow. Elas são muito parecidas por serem muito exigentes. No livro *Anne of Green Gables* (1908), a senhora Lynde era contra os Cuthbert adotarem um menino, mas uma menina era inaceitável. Na amostra, ela faz uma visita à fazenda dos Cuthbert e pede para ver a órfã. Contudo, a senhora Rachel, mulher de opiniões fortes, humilha Anne ao vê-la pela primeira vez, provocando a ira da criança.

Depois de uma discussão, ela considera Anne uma ameaça aos Cuthbert, uma menina muito explosiva, e afirma severamente à Marilla “Bem, não invejo sua tarefa de educar *aquilo*, Marilla – disse Mrs. Lynde, com indescritível solenidade”. (MONTGOMERY, 2018, p.53). Marilla não concorda com o julgamento da senhora Rachel e se surpreende com a própria resposta “[...] Você não deveria ter criticado a aparência dela, Rachel” (MONTGOMERY, 2018, p.53). A senhora Lynde sente-se muito ofendida, como é demonstrado a seguir:

[...] Mrs. Lynde levantou-se com ar de dignidade ofendida. — Bem, vejo que depois disso terei de ser muito cuidadosa com o que falo Marilla, visto que os delicados sentimentos de uma órfã, trazida só Deus sabe de onde, têm de ser considerados antes de qualquer coisa. Oh, não, não estou irritada, não se preocupe. Estou com muita pena de você para ter qualquer espaço para raiva em meu coração. Você terá seus próprios problemas com aquela criança. Mas se tomasse meu conselho, o que eu suponho que não fará, apesar de eu ter criado dez filhos e enterrado dois – você terá a tal ‘conversa’ que mencionou com um bom açoite de vara de bétula. Penso que *esta* seria a linguagem mais efetiva para esse tipo de criança. Acho que o temperamento dela combina com o cabelo. Bem, boa noite, Marilla. Espero que você venha me ver frequentemente, como sempre faz. Mas não pode esperar que eu volte a visitá-

la outra vez por algum tempo, se estou sujeita a ser atacada e insultada dessa forma. Isto é algo novo em *minhas* vivências (MONTGOMERY, 2018, p.53).

A personalidade de Anne foi uma trágica descoberta para Marilla. Após a discussão, ela decide que Anne deve pedir perdão à senhora Rachel por tal demonstração de fúria. Anne responde “Pode me punir como quiser, Marilla. Pode me prender em um calabouço habitado por cobras e sapos e me alimentar somente com pão e água, e não irei reclamar. Mas não posso pedir perdão a Mrs. Lynde” (MONTGOMERY, 2018, p.54-55). Anne passa três dias de castigo dentro do quarto. Somente com o conselho de Matthew, Anne imagina um pedido de perdão e o declara à senhora Lynde, como é mostrado no trecho a seguir:

Nunca poderei expressar toda a minha tristeza, não, nem mesmo se eu utilizasse todas as palavras de um dicionário. A senhora deve imaginar. Eu me comportei terrivelmente consigo – e trouxe desgraça aos meus queridos amigos, Matthew e Marilla, que me deixaram ficar em Green Gables apesar de eu não ser um menino. Sou medonhamente cruel e ingrata, e mereço ser punida e banida pelas pessoas decentes para sempre! Foi muito perverso de minha parte ficar encolerizada e atacar a senhora como fiz, somente por ter-me dito a verdade. É verdade, cada palavra que disse é verdade. Meu cabelo é vermelho, e sou sardenta, magricela e desajeitada. O que eu lhe disse também é verdade, só não deveria ter dito. Oh, Mrs. Lynde, por favor, por favor, me perdoe. Se a senhora se recusar, será uma tristeza perpétua para uma pobre órfã carregar. A senhora se recusaria, mesmo que ela tivesse um temperamento terrível? Oh, estou certa que não. Por favor, diga que me perdoa Mrs. Lynde. Anne manteve as mãos unidas, inclinou a cabeça e esperou a palavra da sentença. Não existia dúvida sobre sua sinceridade – soava em cada tom de sua voz. Tanto Marilla quanto Mrs. Lynde reconheceram seu timbre inequívoco. Mas a primeira compreendeu, desanimada, que Anne estava na verdade apreciando seu vale de humilhação – deleitava-se no rigor de sua degradação. Onde estava a salutar punição da qual ela, Marilla, tanto se orgulhava? Anne havia transformado-a em uma espécie de evidente prazer. A bondosa Mrs. Lynde, não tendo a percepção tão aguda, nada enxergou. Ela entendeu somente que Anne havia pedido amplo perdão, e todo o ressentimento se desvaneceu de seu gentil – ainda que um bocado importuno – coração. [...] Tudo bem, levante-se, menina – ela disse com sinceridade –, é claro que eu a perdôo. Em todo caso, suponho que tenha sido muito dura com você. Mas sou uma pessoa que fala o que pensa (MONTGOMERY, 2018, p.58-59).

Depois do pedido de perdão, a senhora Lynde admite à Marilla que começa a gostar da Anne, apesar de ser uma menina estranha, como é demonstrado no seguinte trecho:

—Ela é realmente uma coisinha estranha. [...] Sim, ela é uma criança estranha, mas há algo de muito gentil nela, afinal de contas. Não estou mais tão surpreendida de que você e Matthew tenham ficado com ela, como estava antes, nem triste também. Ela pode dar certo. Claro que tem um modo muito esquisito de se expressar – um pouco – bem, bastante forçado, sabe, mas pode ser que ela vença isso agora que irá viver entre pessoas civilizadas. E ela tem o gênio forte, suponho, mas há um conforto nisso: uma criança que tem personalidade, que se empolga e se acalma com facilidade, provavelmente nunca será dissimulada ou enganosa. Deus me livre de uma criança assim, isto é que é. Considerando tudo, começo a gostar dela (MONTGOMERY, 2018, p.59-60).

Depois de um tempo de convivência na cidade de Avonlea, a senhora Lynde sente orgulho de Anne ao vê-la se apresentando na peça da escola e a considera a melhor atriz dramática do grupo de teatro. No penúltimo capítulo do livro, ela observa o quanto Anne era criativa e modificou não somente os pensamentos dela, mas também os dos Cuthbert e os ajudou a serem pessoas melhores.

—Devo dizer que Anne está se tornando uma garota muito esperta – admitiu Mrs. Lynde, enquanto Marilla a acompanhava até o final da alameda, ao pôr do sol. — Deve ser uma grande ajuda para você. — Eu nunca teria pensado naquele primeiro dia, há três anos, que ela daria tão certo! – relembrou Mrs. Lynde – Deus querido, nunca esquecerei aquele chilique! Quando cheguei em casa naquela noite, eu disse ao Thomas, disse ‘Escreva as minhas palavras, Thomas, Marilla se arrependerá todos os dias pelo mau passo que deu’. Mas eu estava errada, e estou muito feliz por isso. Não sou desse tipo de pessoa, Marilla, que nunca é levada a admitir que erra. Não, este nunca foi o meu jeito, graças a Deus. Realmente errei em julgar Anne, mas não era de se estranhar, pois nunca houve nesse mundo uma criança mais esquisita, uma bruxinha imprevisível, isto é que é. Não havia como restringi-la com as mesmas regras que funcionavam com outras crianças. É quase uma maravilha o quanto ela melhorou nestes três anos, especialmente em sua aparência. Será uma moça muito bonita, apesar de não poder dizer que sou totalmente parcial àquele estilo pálido e olhos grandes. [...] (MONTGOMERY, 2018, p.187-189).

A influência da imaginação de Anne Shirley ajuda a senhora Rachel a aceitá-la da maneira que a menina realmente é original e criativa, pois antes a considerava uma menina malvada, sem educação e explosiva. No fim, o carinho pela menina Anne predomina e a exigente senhora Rachel Lynde a vê como uma benção aos cidadãos de Avonlea.

Na amostra acima, a influência da imaginação de Pollyanna recupera a vontade de viver da senhora Snow, uma mulher doente, que não podia movimentar as pernas e

ficava somente em um quarto escuro. Ela não aceitava a própria realidade e nada do que possuía ou comia era bom; estava sempre insatisfeita. Ela “[...] tinha 40 anos; desses, passou 15 tão ocupada desejando que as coisas fossem diferentes que não sobrou tempo para apreciar as coisas como elas realmente eram” (PORTER, 1913, p.53). Antes de visitar a senhora Snow, Pollyanna pensa em como agradar aquela mulher, e a melhor forma era provocá-la, mostrando o quanto ela era exigente e insuportável.

Pollyanna a deixa indignada dizendo, “[...] Pensei no tanto que pode ficar contente porque as outras pessoas não são como a senhora... assim, doentes, na cama, entende? – falou comovida [...]” (PORTER, 1913, p.62). Isso desperta uma raiva na senhora Snow. Mas Pollyanna lhe ensina o jogo do contente e, embora sendo o caso mais difícil, felizmente ele consegue mudar os pensamentos da velha senhora. Pollyanna reaviva os sentimentos bons daquela mulher e a faz enxergar a própria beleza, escondida pelo tempo, e demonstra o quanto ela é bonita e que ela podia usar as mãos e não ficar parada.

Quadro 10²⁸

Anne of Green Gables	Pollyanna
<p><i>'Oh, Diana,' said Anne at last, clasping her hands and speaking almost in a whisper, 'oh, do you think you can like me a little enough to be my bosom friend?' Diana laughed. Diana always laughed before she spoke. 'Why, I guess so,' she said frankly. 'I'm awfully glad you've come to live at Green Gables. It will be jolly to have somebody to play with. There isn't any other girl who lives near enough to play with, and I've no sisters big enough.' 'Will you swear to be my friend forever and ever?' demanded Anne eagerly. Diana looked shocked. 'Why it's dreadfully wicked to swear,' she said rebukingly. 'Oh no, not my kind of swearing. There are two kinds, you know.' 'I never heard of but one kind,' said Diana doubtfully. 'There really is another. Oh, it isn't wicked at all. It just means vowing and promising solemnly.' 'Well, I don't mind doing that,' agreed Diana, relieved. 'How do you do it?' 'We must join hands so,' said Anne gravely. 'It ought to be over running water. We'll just imagine this path is running water. I'll repeat the oath first. I solemnly swear to be faithful to my bosom friend, Diana Barry, as long as the sun and moon shall endure. Now you say it and put my name in.' Diana repeated the 'oath' with a laugh fore and aft. Then she said: 'You're a queer girl, Anne. I heard before that you were queer. But I believe I'm going to like you real well</i></p> <p>(MONTGOMERY, 1908, p.111).</p>	<p><i>Don't you never say nothin' ter me again about leavin', Timothy Durgin. You couldn't HIRE me ter leave!' 'Leave! I should say not,' grinned the youth. You couldn't drag me away. It'll be more fun here now, with that kid 'round, than movin'-picture shows, every day!' 'Fun! Fun!' repeated Nancy, indignantly, 'I guess it'll be somethin' more than fun for that blessed child when them two tries ter live tergether; and I guess she'll be a-needin' some rock ter fly to for refuge. Well, I'm agoin' ter be that rock, Timothy; I am, I am!' she vowed, as she turned and led Pollyanna up the broad steps</i></p> <p>(PORTER, 1913, p.111).</p>

Fonte: a autora

Diana Barry torna-se a melhor amiga de Anne no livro *Anne of Green Gables* (1908). Diana é uma menina muito inteligente, mas pouco criativa. Sua mãe desaprova as longas leituras que a menina faz e, com a visita de Anne, incentiva a filha a largar os livros e ir mostrar o jardim da casa à Anne. Na amostra, Anne quer muito ter uma amiga e implora isso a Diana.

²⁸ Tradução no ANEXO XV. (p.88)

As palavras de Anne surpreendem-na deixando em Diana uma curiosidade a respeito da nova amiga. No livro, Anne descreve a imaginação de Diana, “Tenho que prover grande parte da imaginação, mas sou muito boa em fazer isso. Diana é simplesmente perfeita em todas as outras coisas” (MONTGOMERY, 2018, p.72).

Diana e Anne inventam nomes para vários lugares de Avonlea, elas criam nomes imaginários para as florestas, lagos e pontes. Elas demonstram ter uma amizade verdadeira. As histórias e brincadeiras que Anne criava encantavam Diana e tudo ganhou um novo sentido. Ela se tornou sonhadora por causa de Anne; às vezes as fantasias eram exageradas e causavam muitos problemas. As emocionantes palavras de Anne deixavam Diana extremamente feliz.

Na amostra do livro *Pollyanna*, a empregada Nancy fica feliz por perceber que a menina iria enlouquecer sua tia Polly Harrington, pois ela era muito metódica. Nancy não conhecia a patroa até ir trabalhar na mansão Harrington. Depois que realmente a conheceu, sentiu-se obrigada a suportá-la, porque a família dela precisava muito de dinheiro. Nancy vê em Pollyanna a oportunidade de ser uma boa amiga para a menina, quando ela se sentisse triste. Ela é a primeira pessoa a aprender o jogo do contente, e considera Pollyanna um anjo caído do céu e a alegria da mansão.

No próximo item, foram comparadas as semelhanças encontradas nas duas narrativas.

4.8 Comparação das Protagonistas

Quadro 11²⁹

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<i>We had a telegram from Mrs. Alexander Spencer today the mail-man brought it from the station saying they were coming on the five-thirty train tonight. So Matthew went to Bright River to meet him. Mrs. Spencer will drop him off there. Of course she goes on to White Sands station herself (MONTGOMERY, 1908, p.10).</i>	<i>In due time came the telegram announcing that Pollyanna would arrive in Beldingsville the next day, the twentyfifth of June, at four o'clock. Miss Polly read the telegram, frowned, then climbed the stairs to the attic room (PORTER, 1913, p.18).</i>

Fonte: a autora

Nos livros, as duas protagonistas são encaminhadas de trem às cidades em que iriam morar. Em *Anne of Green Gables* (1908), Marilla Cuthbert é avisada por meio de um telegrama que o menino chegaria à estação de trem. Contudo, em vez de um menino, Anne é que é encaminhada à estação de Bright River. Já em *Pollyanna* (1913), Polly Harrington também recebe um telegrama avisando que Pollyanna chegaria à estação de Beldingsville.

²⁹ Tradução no ANEXO XVI. (p.89)

Quadro 12³⁰

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<i>Matthew was not looking at her and would not have seen what she was really like if he had been, but an ordinary observer would have seen this: A child of about eleven, garbed in a very short, very tight, very ugly dress of yellowish gray wincey. She wore a faded brown sailor hat and beneath the hat, extending down her back, were two braids of very thick, decidedly red hair. Her face was small, white and thin, also much freckled; her mouth was large and so were her eyes, which looked green in some lights and moods and gray in others (MONTGOMERY, 1908, p.16-17).</i>	<i>'Dear Madam: I regret to inform you that the Rev. John Whittier died two weeks ago, leaving one child, a girl eleven years old. [...] It was not long before Nancy saw her the slender little girl in the red checked gingham with two fat braids of flaxen hair hanging down her back. Beneath the straw hat, an eager, freckled little face turned to the right and to the left, plainly searching for some one (PORTER, 1913, p.12 - 16).</i>

Fonte: a autora

Na amostra acima, as protagonistas tem a mesma idade o mesmo estilo de penteado e estilo de roupas e também possuem uma característica física semelhante que são as sardas. O narrador do livro *Anne of Green Gables* (1908), descreve a protagonista Anne Shirley de forma detalhista, enquanto que o narrador do livro *Pollyanna* (1913), descreve a personagem de forma mais objetiva.

³⁰ Tradução no ANEXO XVIII. (p.90)

Quadro 13³¹

Anne of Green Gables	Pollyanna
<p><i>As for cooking, I mean to begin giving you lessons in that some of these days. But you're so featherbrained, Anne, I've been waiting to see if you'd sober down a little and learn to be steady before I begin. You've got to keep your wits about you in cooking and not stop in the middle of things to let your thoughts rove all over creation. Now, get out your patchwork and have your square done before teatime.'</i></p> <p><i>'I do NOT like patchwork,' said Anne dolefully, hunting out her workbasket and sitting down before a little heap of red and white diamonds with a sigh. 'I think some kinds of sewing would be nice; but there's no scope for imagination in patchwork. It's just one little seam after another and you never seem to be getting anywhere. But of course I'd rather be Anne of Green Gables sewing patchwork than Anne of any other place with nothing to do but play. I wish time went as quick sewing patches as it does when I'm playing with Diana, though (MONTGOMERY, 1908, p.116).</i></p>	<p><i>At nine o'clock every morning you will read aloud one half-hour to me. Before that you will use the time to put this room in order. Wednesday and Saturday forenoons, after half-past nine, you will spend with Nancy in the kitchen, learning to cook. Other mornings you will sew with me. That will leave the afternoons for your music. I shall, of course, search a teacher at once for you,' she finished decisively, as she arose from her chair. Pollyanna cried out in dismay. 'Oh, but Aunt Polly, Aunt Polly, you haven't left me any time at all just to live.' 'To live, child! What do you mean? As if you weren't living all the time!'</i></p> <p><i>'Oh, of course I'd be BREATHING all the time I was doing those things, Aunt Polly, but I wouldn't be living. You breathe all the time you're asleep, but you aren't living. I mean living doing the things you want to do: playing outdoors, reading (to myself, of course), climbing hills, talking to Mr. Tom in the garden, and Nancy, and finding out all about the houses and the people and everything everywhere all through the perfectly lovely streets I came through yesterday. That's what I call living, Aunt Polly. Just breathing isn't living!' Miss Polly lifted her head irritably (PORTER, 1913, p.42).</i></p>

Fonte: a autora

No quadro 13, é demonstrada a forma de educação das duas protagonistas. Ambas foram educadas através de suas mentoras e de forma parecida: Anne teve aulas de música com Diana, e Marilla a ensinou a costurar e cozinhar. Pollyanna também teve aulas de música, costura e culinária, pois as meninas eram educadas desse modo no século XIX. Outra semelhança encontrada nos dois romances é o mês

³¹ Tradução no ANEXO XVIII. (p.91)

em que as protagonistas vão à escola. Anne vai à escola no mês de setembro, como é apresentado no trecho a seguir:

Marilla estava secretamente receosa ao encaminhar Anne para a escola naquele primeiro dia de setembro. Anne era uma criança tão singular. Como ela se harmonizaria com as outras crianças? E como diabos ela iria conseguir segurar a língua durante o horário das aulas? [...] Entretanto, as coisas saíram muito melhor do que Marilla temia. Anne chegou em casa com o astral lá no alto naquele entardecer. — Acho que vou gostar da escola aqui — anunciou —, embora não pense o mesmo sobre o professor. Estou extremamente atrasada em relação aos outros. Estão todos no quinto livro e eu recém estou no quarto. Sinto que isto seja um tipo de desgraça. Mas não há nenhum deles que tenha uma imaginação como a minha, e descobri isso rapidamente (MONTGOMERY, 2018, p.56).

E Pollyanna também vai à escola no mês de setembro:

Pollyanna foi para a escola em setembro. Os exames preliminares revelaram que ela estava bastante avançada e assim entrou para uma classe de meninas e meninos da mesma idade dela. Em certos aspectos, a escola foi uma surpresa para Pollyanna e, também, em muitos aspectos Pollyanna foi uma surpresa para a escola. Em breve, a relação com a escola tornou-se muito boa. Ela confessou à tia que, afinal, ir à escola era também viver, embora duvidasse disso antes (PORTER, 1913, p.90)

Nos livros, as semelhanças acontecem até no período em que elas vão à escola, o mês e a maneira de se pensar sobre a escola é modificada.

Quadro 14³²

Anne of Green Gables	Pollyanna
<p><i>I've made up my mind to stay simply for the sake of getting better acquainted with that Anne-girl,' she said frankly. 'She amuses me, and at my time of life an amusing person is a rarity' (MONTGOMERY, 1908, p.200).</i></p> <p><i>'For pity's sake hold your tongue,' said Marilla. 'You talk entirely too much for a little girl.' Thereupon Anne held her tongue so obediently and thoroughly that her continued silence made Marilla rather nervous, as if in the presence of something not exactly natural (MONTGOMERY, 1908, p.34).</i></p>	<p><i>She's the niece of one of our best known residents. Her name is Pollyanna Whittier. I don't happen to enjoy a very extensive personal acquaintance with the little lady as yet; but lots of my patients do I'm thankful to say! The nurse smiled. 'Indeed! And what are the special ingredients of this wonder-working tonic of hers?' The doctor shook his head. 'I don't know. As near as I can find out it is an overwhelming, unquenchable gladness for everything that has happened or is going to happen. At any rate, her quaint speeches are constantly being repeated to me, and, as near as I can make out, 'just being glad' is the tenor of most of them. All is,' he added, with another whimsical smile, as he stepped out on to the porch, 'I wish I could prescribe her and buy her as I would a box of pills; though if there gets to be many of her in the world, you and I might as well go to ribbon selling and ditch digging for all the money we'd get out of nursing and doctoring,' (PORTER, 1913, p.118).</i></p>

Fonte: a autora

Na amostra acima, são comparadas as personalidades das protagonistas. Anne é otimista, alegre, sonhadora e muito sentimental. Pollyanna, por sua vez, é considerada um tônico de felicidade; ela, assim como Anne, é uma menina otimista, alegre e criativa. As duas são cativantes.

Na próxima seção, apresentamos as considerações finais deste trabalho.

³² Tradução no ANEXO XIX. (p.92)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo analisar as obras literárias *Anne of Green Gables* (1908), de Lucy M. Montgomery, e *Pollyanna* (1913), de Eleonor H. Porter, ambas do gênero literário romance infanto-juvenil, a fim de demonstrar como a imaginação das protagonistas foi fator preponderante para as mudanças positivas ocorridas em suas vidas, com repercussão direta nos personagens secundários.

Para tanto, levantamos duas hipóteses. A primeira, confirmada, foi a de que as protagonistas utilizavam a imaginação como válvula de escape para amenizar a angústia que sentiam ao lidar com os problemas do cotidiano. Isso se verificou tanto no romance *Anne of Green Gables* como no romance *Pollyanna*: as duas crianças, órfãs, que viviam sob condições muitas vezes as mais adversas possíveis, imaginavam sempre situações alegres para aliviar a dureza da realidade em que estavam inseridas. Imaginar soluções simples para todos os obstáculos que surgiam era o que as mantinha otimistas e determinadas, e isso aos poucos conquistava os outros com quem conviviam. Elas revertiam sentimentos de solidão, medo, tristeza, e usavam a imaginação através da expectativa, do otimismo, da fantasia e da criatividade.

A segunda hipótese, a de que é possível ampliar a imaginação, também foi confirmada, pois tanto as próprias protagonistas quanto os personagens secundários ampliaram a capacidade de imaginar. Isso é demonstrado quando Anne Shirley ajuda os habitantes da fazenda Green Gables a terem mais senso de humor, alegria, esperança, como também promove o desenvolvimento da habilidade da escrita de algumas amigas através da imaginação. Pollyanna, por outro lado, cooperou para a recuperação de pessoas doentes e solitárias na fictícia cidade de Beldingsville através do jogo do contente. A menina, após perder as esperanças de voltar a caminhar, foi também influenciada pelo resultado do próprio jogo do contente que havia aplicado nos outros personagens, ou seja, a felicidade deles a fez recuperar a alegria que tinha perdido após o acidente de carro que sofrera.

Analisar o uso da imaginação como válvula de escape nas obras *Anne of Green Gables* e *Pollyanna* foi importante por possibilitar à comunidade acadêmica um novo olhar sobre o assunto, contribuindo, assim, para a área de literatura comparada e crítica literária. Além disso, abordar um tema relevante para a sociedade moderna, através de dois clássicos da literatura, favorece o despertar para novas leituras e novas formas de análise que, acreditamos, serão objeto de futuras pesquisas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **O Ar e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BEZERRA, Juliana. **Era Vitoriana**. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/era-vitoriana/>>. Ver p.7. Acesso em: 04/10/2018.

CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. Disponível em: <http://elcv.art.br/santoandre/biblioteca/_em_portugues/A%20Personagem%20do%20Romance%20-%20Antonio%20Candido.pdf> Acesso em: 06/09/2018

Conceito de imaginação - O que é, Definição e Significado. **Conceito-de**. Ver p.18. Disponível em: <<https://conceito.de/imaginacao>>. Acesso em: 26/10/2018

COSTA, Isaías. Nossas válvulas de escape | Para além do agora. **Para além do agora**. 6 de Agosto de 2014. Ver p.19. Disponível em: <<https://paralemdoagora.wordpress.com/2014/08/06/nossas-valvulas-de-escape/>>. Acesso em: 26/10/2018

COOKE, Katie. **20th-Century American Bestsellers**. Ver p.8. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20061115065846/http://www3.isrl.uiuc.edu/~unsworth/courses/bestsellers/search.cgi?title=Pollyanna>>. Acesso em: <22/01/2020>

DUQUE, Luciana Fernandes. O Mundo Da Fantasia Na Criança – Parte I. **Práticas para o dia a dia na escola**. Ver p.21. Disponível em:

<<http://naescola.eduqa.me/desenvolvimento-infantil/o-mundo-da-fantasia-na-crianca/>>.
Acesso em: 12/02/2019

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1913. Disponível me: <<https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>>. Acesso em: 22/01/2019.

FOSTER, E.M. **Aspectos Do romance**. – 4. Ed. rev. – São Paulo: Globo, 2005.

GANCHO, Cândida Vilar. **Como analisar narrativas**. 8ªed. – São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

INFANTE, Ulisses. **Textos: Leituras e Escritas: Literatura, Língua e Produção de textos; Volume único**. 1ªed. São Paulo: Scipione, 2004.

Imagination | Definition of Imagination by Merriam-Webster. **Merriam Webster since 1982**. Ver p.18. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/imagination>>. Acesso em: 26 /10/2018

LITERATURA infantil e juvenil. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo12152/literatura-infantil-e-juvenil>>. Ver p.10. Acesso em: 04 de Fev. 2019. Verbetes da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

MARTY, Myron. **Twentieth Century: Society in the United States**. Ver p.9. Disponível em:< <https://www.scholastic.com/teachers/articles/teaching-content/twentieth-century-society-united-states/>>. Acesso em: 04/02/2019

'**Minhas invenções**', de Nikola Tesla, ganha nova impressão. Assessoria de Imprensa da Editora Unesp. Publicado sexta-feira, 16 de setembro de 2016. Disponível

em: <<http://editoraunesp.com.br/blog/minhas-invencoes-de-nikola-tesla-ganha-nova-impressao>> Acesso em: 01 /01/2020

MCLINTOSH, Andrew & DEVEREUX Cecily. Lucy Maud Montgomery. **The Canadian Encyclopedia**. Canadá, 01 de jan. de 2013. Ver p.3. Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/montgomery-lucy-maud/>>. Acesso em: 15 / 10 / 2018

MOISÉS, Massaud, 1928. **A criação literária: prosa 1**. 20. Ed.-- São Paulo: Cultrix, 2006.

MONTGOMERY, L. M. **Anne of Green Gables**. 1908. Disponível em: <<https://www.planetebook.com/free-ebooks/anne-of-green-gables.pdf>>. Acesso em: 20/01/2019.

MONTGOMERY, L. M. **Anne de Green Gables**. Tradução de Tully Ehlers. 3ª ed. São Paulo; Editora Pedra Azul, 2018

Pollyanna. Porter, Eleanor H. Boston: The Colonial Press , 1913. **Raptis Rare Books: For the Collection of a lifetime**. Ver p.4. Disponível em: <<https://www.raptisrarebooks.com/product/pollyanna-eleanor-h-porter-signed-first-edition/>>. Acesso em: 29/01/2018

PORTER, Eleanor. H. **Pollyanna**. Tradução de Márcia Soares Guimarães. 1 ed.Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

PORTER, Eleanor. H. **Pollyanna**. L.C.Page. 1913. Disponível em:<<https://www.planetebook.com/pollyanna/>>. Acesso em: 29/11/2018

O'SULLIVAN, Emer. **Historical dictionary of children's literature**. Historical dictionaries of literature and the arts ; no. 46. Scarecrow Press, Inc. 2010, p.176
Disponível em: <<http://www.ebook777.com/historical-dictionary-childrens-literature/>>.
Acesso em: 06 /01/2020

RIBBOT, Th. (Théodule). **Essays on the creative Imagination**, 1906. Disponível em:
<<https://archive.org/details/essayonthecreati00ribbouoft>>. Acesso em: 05/02/2019

ROMUALDO, Helton Lucas. **Salvaguardando-se: O uso do ato criativo da imaginação**. CONTEXTURA, Belo Horizonte, no 11, dez. de 2017, p. 77-89. Artigo recebido em 12/11/2017 e aprovado em 20/11/2017. Disponível em:
<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/view/3842>> Acesso em: 28/10/2019

SILVA, Daniele C.A. **Literatura infanto-juvenil**. Publicado em 13/03/2019. Ver p.9.
Disponível em:<<https://www.infoescola.com/literatura/literatura-infantojuvenil/>>. Acesso em: 07/02/2019

SOARES, Angélica. **Gêneros literários** 7. ed. São Paulo 85p. - (Princípios; 166).
Disponível em: <<https://docero.com.br/doc/xecs8>> Acesso em: 20/ 08 /2018

VYGOTSKY, Levy, S; FRÓIS, João, P. **Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia**. Portugal: DINALIVROS, 2012

Significado de Válvula de escape no Dicio, Dicionário Online de Português. Ver p.19.
Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/valvula-de-escape/>>. Acesso em: 26/10/2018

W. H. New. **Literary History in English 1867-1914. The Canadian Encyclopedia**.
2013. Ver p.7. Disponível em:

<<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/literary-history-in-english-1867-1914>>. Acesso em: 04/10/2018

The Victorian Era England facts about Queen Victoria, Society & Literature. **Victorian Era Literature Characteristics.** Ver p.8. Disponível em:<<http://victorian-era.org/victorian-era-literature-characteristics.html>>. Acesso em: 22/01/2019.

ANEXOS

ANEXO I

With social change, including advanced education for women (in 1875 Mount Allison was the first university in the British Empire to award a woman a bachelor's degree), women extended their influence in literature and the community (See Women and Education, Status of Women). Female editors and journalists--among them Alice Jones, Agnes Maule Machar, Sara Jeannette Duncan, Kit Coleman, Jean McIlwraith, Florence Randal Livesay, and Nellie McClung, all active poets or novelists as well--wrote variously about bicycles, independent travel, foreign wars, local politics, and women's rights (See Women's Suffrage, Women's Movement).

*Likely reaching an even wider readership was the internationally successful work of the children's writers Margaret Marshall Saunders and Lucy Maud Montgomery, the latter with Anne of Green Gables (1908) and its sequels.*³³

³³Disponível em: <<https://www.thecanadianencyclopedia.ca/en/article/literary-history-in-english-1867-1914>>

ANEXO II

The literature of the Victorian age (1837-1901) entered a new period after the romantic revival. The literature of this era was preceded by romanticism and was followed by modernism or realism. Hence, it can also be called a fusion of romantic and realist style of writing. Though the Victorian Age produced two great poets Alfred Lord Tennyson and Robert Browning, the age is also remarkable for the excellence of its prose.

Characteristics of Victorian novels

Victorian novels tend to be idealized portraits of difficult lives in which hard work, perseverance, love and luck win out in the end. They were usually inclined towards being of improving nature with a central moral lesson at heart. While this formula was the basis for much of earlier Victorian fiction, the situation became more complex as the century progressed.³⁴

³⁴Available/ Disponível em: <<http://victorian-era.org/victorian-era-literature-characteristics.html>>

ANEXO III

Adverse Effects of Industrial Growth³⁵

Changes in the workplace reached across social strata. For those in the working class, the effects of industrial growth were often adverse. Labor unions enjoyed little public support, lacked legal status, suffered from internal differences, were weakened by periodic economic depressions, and lacked the power to counter employers' use of such anti-union tactics as hiring strikebreakers, known as scabs.

Crowding of industrial workers and their families in tenement districts worked against the kind of neighborliness that characterized life in small towns. The saloon was the social club for many immigrants. It provided cheap or free lunches, warmth, banking and notary services, gambling, party rooms, and political headquarters. Premature death disrupted many families. At the turn of the century, life expectancy at birth for white males was 46.6 years; for black males, 32.5 years; for white females, 48.7 years; and for black females, 33.5 years. (In 1995 the figures for the comparable groups were 73.4, 65.2, 79.6, and 73.9.) The maternal mortality rate in 1915 was 61 per 1,000 live births (compared to 8 in 1990); the infant mortality rate stood at 100 per 1,000 live births (compared to 7.6 in 1990), and was twice as high for blacks. Divorce also caused disruptions. The number of divorces was 15 times higher in 1920 than in 1870; by the mid-1920s, one in seven marriages ended in divorce. Moral problems evident in the corruption of urban political machines, high juvenile delinquency and crime rates (the homicide rate had quadrupled in New York in the last two decades of the 19th century), and widespread prostitution were coupled with health problems: diseases and epidemics resulting in part from water and sewage disposal deficiencies.

³⁵ Disponível em: <<https://www.scholastic.com/teachers/articles/teaching-content/twentieth-century-society-united-states/>>

ANEXO IV

People were looking for stability, for something to believe in and Pollyanna offered them that. In 1913 itself, war was impending and people were actually excited and ready for it. Most people believed that the war would be short and just. Pollyanna was higher on the bestseller list in 1914 when Europe was actually embroiled in World War I (Hackett, 68). This timing aided Pollyanna's popularity. Many people expected a good outcome to the war and Pollyanna echoed this hopefulness in a general way. with so many dissenters about the good and rationality of people, Pollyanna shouts that there is goodness in everyone and always something about which to be glad.³⁶

³⁶ Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20061115065846/http://www3.isrl.uiuc.edu/~unsworth/courses/bestsellers/search.cgi?title=Pollyanna>>

ANEXO V

imagination

noun

imag·i·na·tion \ i-,ma-jə-'nā-shən

\

Definition of imagination

1: the act or power of forming a mental image of something not present to the senses or never before wholly perceived in reality

2a: creative ability

b: ability to confront and deal with a problem : resourcefulness use your imagination and get us out of here

c: the thinking or active mind : interest stories that fired the imagination

3a: a creation of the mind especially: an idealized or poetic creation

*b: fanciful or empty assumption*³⁷

³⁷ Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/imagination>>

ANEXO VI

Quadro 01

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
Em Avonlea e fora dela, não faltavam pessoas que, para bisbilhotar os vizinhos, deixavam de cuidar da própria vida; mas a Sra. Rachel Lynde era uma daquelas criaturas eficientes que conseguiam cuidar dos próprios assuntos e, de lambuja, meter-se também nos dos outros. Era uma dona de casa notável: fazia sempre seu trabalho, e o fazia bem. (MONTGOMERY, 2018, p.11 grifo nosso).	No pequeno quarto do sótão, Nancy varria e esfregava vigorosamente, dando atenção especial aos cantos. Tinha vezes, na verdade, em que o vigor que punha no trabalho era mais um alívio para seus sentimentos do que um desejo de tirar a sujeira, apesar do medo que tinha da patroa, Nancy não era nenhuma santa. (PORTER, 2018, p.15)

Fonte: a autora

ANEXO VII

Quadro 02

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>[...] Estava começando a ficar com medo que o senhor não viesse mais me buscar e já imaginava todas as coisas que poderiam ter acontecido para impedi-lo. Já tinha decidido que, se o senhor não viesse esta noite, eu desceria até aquela grande cerejeira na curva, e passaria a noite lá em cima. Eu não teria nem um pouco de medo. Seria adorável dormir em uma não é mesmo, dormir numa cerejeira silvestre, toda florida, vestida de branco sob a luz do luar, não acha? Eu poderia imaginar que estava morando em uma casa com paredes de mármore, não poderia? E eu estava certa de que o senhor viria me buscar pela manhã, caso não viesse hoje à noite. (MONTGOMERY, 2018, p.13).</p>	<p>A garotinha estava de pé, completamente solitária, quando Nancy finalmente se aproximou. – Você é Pollyanna? - gaguejou. No momento seguinte, se viu quase sufocada pelo grande aperto de dois braços cobertos com tecido xadrez. - Oh, estou tão contente, <i>contente, contente</i> de ver a senhora! - gritou em seus ouvidos uma voz cheia de entusiasmo. - É claro que sou a Pollyanna e estou <i>muito</i> contente que tenha vindo me buscar! Eu tinha esperança de que viesse. - Ocê... ocê tinha? - murmurou Nancy, se perguntando como Pollyanna poderia de alguma forma, conhecê-la... e querer vê-la. –Ocê tinha? - repetiu, tentando endireitar o chapéu. - Ah, sim! E vim pensando como a senhora seria! - exclamou a menina, dançando e examinando a encabulada Nancy da cabeça aos pés - Agora eu sei, e estou contente de ver que é exatamente como é. (PORTER, 2108, p.15).</p>

Fonte: a autora

ANEXO VIII

Quadro 03

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>[...] Quando morei com Mrs. Thomas, ela tinha uma estante com portas de vidro na sala. [...] Uma das portas estava quebrada, pois Mr. Thomas a havia golpeado uma noite quando estava levemente bêbado. Mas a outra estava inteira e eu costumava fingir que meu reflexo no vidro era outra garotinha que vivia ali. Eu a chamava de Katie Maurice, e éramos muito íntimas. Costumava falar com ela por horas, especialmente nos domingos, e contava a ela tudo o que me acontecia. Katie era o conforto e consolação da minha vida. Imaginávamos que a cristaleira era enfeitiçada e que se eu tão soubesse as palavras mágicas, poderia abrir a porta e entrar no lugar onde Katie Maurice vivia ao invés de entrar na estante onde Mrs. Thomas guardava suas coisas. E então Katie Maurice me tomaria pela mão e me levaria para um lugar maravilhoso, cheio de flores, sol brilhante e fadas, e nós viveríamos lá felizes para sempre. (MONTGOMERY, 2018, p.48).</p>	<p>[...] Papai foi pro céu ficar com a mamãe e os outros, a senhora já sabe. Ele disse que tinha de ficar contente. Mas está sendo muito difícil... fazer isso, [...] eu precisava muito dele; e eu não estava conseguindo parar de sentir que ainda <i>precisava</i> dele, principalmente porque a mamãe e o resto têm Deus e os anjos, enquanto eu fiquei sem ninguém, só com as senhoras da igreja. (PORTER, 2018, p.21).</p>

Fonte: a autora

ANEXO IX

Quadro 04

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>Nós mantemos nossa casinha elegantemente arrumada. [...] Nós temos grandes pedras, todas cobertas por musgo, para sentar, e tábuas de madeira de árvore que usamos como prateleiras. E ali guardamos toda nossa louça. Claro que estão todas quebradas, mas é a coisa mais fácil do mundo imaginar que estão inteiras. Tem um pedaço de prato pintado com um ramo de hera amarela e vermelha que é especialmente lindo. Nós o guardamos na sala, onde temos o cristal das fadas também. O cristal é adorável como um sonho. Diana o encontrou no matagal, atrás do galinheiro deles. [...] e a mãe de Diana disse a ela que, na verdade, é a parte quebrada de uma lamparina que eles tinham. Mas eu gosto de imaginar que as fadas o perderam numa noite, quando tiveram um baile para ir, então podemos chamá-lo de cristal das fadas. Matthew irá fazer uma mesa para nós. Oh, nós nomeamos de Charco do Salgueiro aquela pequena laguna redonda no campo de Mr. Barry. (MONTGOMERY, 2018, p.48).</p>	<p>Pollyanna ainda não tinha pendurado nem três dos prismas na janela banhada pelo sol e já via uma amostra do que ia acontecer. Estava tão entusiasmada que mal controlava os dedos trêmulos, inclusive tendo dificuldade para pendurar os restantes. Quando concluiu a tarefa, deu um passo para trás e gritou encantada. Aquele quarto suntuoso e sombrio tinha se transformado num conto de fadas. Por todo o lado viam-se reflexos dançantes vermelhos e verdes, violeta e laranja, amarelos e azuis. As paredes, o chão, a mobília, até a cama, estavam iluminados com aqueles bonitos pedacinhos de cor. – Oh, que lindo! [...] – Quem me dera ter muitos iguais a eles! Gostaria muito de poder dá-los à tia Polly, a Mrs. Snow e a muitas outras pessoas. Iriam ficar muito contentes! Se a tia Polly vivesse num arco-íris como este, acho que ela ficaria tão contente que não conseguiria evitar de bater as portas. Não acha? Mr. Pendleton riu. (PORTER, 2018, p.78).</p>

Fonte: a autora

ANEXO X

Quadro 05

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>Vamos formar um clube de contos só nosso e escrever histórias para praticar! Eu a ajudarei até que você consiga escrever sozinha. Você precisa cultivar sua imaginação, sabe.</p> <p>É extremamente interessante – Anne contou a Marilla –, cada participante deve ler sua história em voz alta, e então conversamos sobre o assunto. Nós vamos guardá-los como relíquias e ler para nossos descendentes. Cada uma deverá escrever sob um pseudônimo. O meu será Rosamund Montmorency. Todas as meninas são muito boas. Ruby Gillis é um pouco sentimental demais. Ela sempre coloca muito romance em suas histórias, e você sabe que muito mais é sempre pior do que muito menos. Jane não gosta de pôr nenhum, ela diz que faz com que se sinta boba quando lê em voz alta. Os contos de Jane são sempre muito sensatos. Já Diana coloca muitos assassinatos em suas histórias. Ela me explicou que na maioria das vezes não sabe o que fazer com os personagens, então prefere matá-los, para se ver livre deles. Eu quase sempre tenho que dizer a elas sobre o que escrever, mas isso não é difícil, pois sempre tenho milhões de ideias. (MONTGOMERY, 2018, p.110).</p>	<p>- Parece que ocê fica contente por causa de qualquer coisa – falou Nancy, levemente emocionada com a lembrança do admirável esforço de Pollyanna para gostar daquele quatinho sem graça no sótão. Pollyanna riu. –Ora, afinal esse é o jogo, né? –O...jogo? – É, o <i>jogo do contente</i>?- Que diabos é isso? – Ora é um jogo. Papai me ensinou e é muito legal! [...] –Bem tudo começou com algumas muletas que vieram no barril dos missionários. – <i>Muletas</i>? – Isso mesmo. Eu tinha pedido uma boneca, e foi isso que papai escreveu. Mas quando o barril chegou, tinha um bilhete dizendo que não conseguiram nenhuma boneca, só muletas infantis. Então eles mandaram, pois elas poderiam ser úteis pra algumas crianças, algum dia. E foi então que jogamos pela primeira vez. (PORTER, 2018, p.33).</p>

Fonte: a autora

ANEXO XI

Quadro 06

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
Avonlea ocupava uma pequena península triangular que se projetava até o Golfo de Saint Lawrence [...] (MONTGOMERY, 2018, p.5).	Pollyanna chegaria em Beldingsville, Vermont (PORTER, 2018, p.18)

Fonte: a autora

ANEXO XII

Quadro 07

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>[...] Bem, eu gosto que as coisas tenham nomes próprios, ainda que sejam apenas flores. Isso faz com que se pareçam mais com as pessoas. Como saber se não está magoando o gerânio chamando-lhe somente de gerânio e nada mais? A senhorita certamente não gostaria de ser chamada de 'mulher' e nada mais, o tempo todo. Sim, vou chamá-lo de Bonny. Já batizei aquela cerejeira que está do lado de fora da janela do meu quarto, esta manhã. Eu a chamei de Rainha da Neve, porque estava tão branca. Óbvio que ela não vai estar sempre florida, mas pode-se imaginar que está não pode?</p> <p>—Nunca, em toda a minha vida, eu vi ou ouvi nada como ela! – resmungou Marilla, enquanto escapulia para o celeiro em busca de batatas – É mesmo uma criaturinha interessante, como Matthew disse. Já posso sentir que estou pensando que diabos ela irá dizer agora! Ela deve estar lançando seu feitiço também sobre mim. Lançou sobre Matthew. Aquele olhar que ele me deu quando saiu reiterou tudo o que falou ou insinuou na noite passada. (MONTGOMERY, 2018, p.15).</p>	<p>-Comeu seu jantar, Pollyanna? – Comi Tia Polly. – Eu sinto muito, Pollyanna, por ter sido obrigada, tão cedo, a mandá-la comer pão e leite na cozinha. – Mas fiquei mesmo contente porque fez isso, Tia Polly. Gosto de pão e leite, e da Nancy também. A senhora não deve se preocupar com isso nem um pouco. Subitamente, Miss Polly endireitou a postura na cadeira. Estou gostando muito daqui, até agora – ela disse alegre. – Sei que vou amar morar com a senhora, mas já sabia disso antes de vir. Boa noite, Tia Polly! – a menina exclamou, antes de sair correndo da sala. – Oh céus! – Miss Polly quase gritou surpresa. – Que criança mais incomum! – Depois franziu a testa. – Está contente porque a castiguei, e não devo me preocupar com isso nem um pouco. E vai amar morar comigo! Oh céus! – Miss Polly quase gritou novamente, enquanto retomava a leitura (PORTER, 2018, p.15).</p>

Fonte: a autora

ANEXO XIII

Quadro 08

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>[...] Bom, aí está uma coisa para esclarecer algum dia. Não é esplêndido pensar em todas as coisas que existem para serem descobertas? Isso me faz sentir alegria em estar viva; é um mundo tão interessante! Não seria a metade interessante se soubéssemos tudo sobre todas as coisas, seria? Não haveria nenhum escopo para imaginação então, haveria? Mas eu estou falando demais?</p> <p>As pessoas estão sempre me dizendo que sim. O senhor preferiria que eu não falasse? Se disser que sim, eu irei parar. Eu posso parar quando decido fazê-lo, ainda que seja difícil. Para sua própria surpresa, Matthew estava se divertindo. Tal qual a maioria dos sujeitos calados, ele gostava de pessoas loquazes, quando estavam dispostas a conduzir a conversa por si mesma e não esperavam que ele contribuísse a toda hora. Mas nunca imaginou que iria gostar da companhia de uma menininha. (MONTGOMERY, 2018, p.15).</p>	<p>Quando Pollyanna viu o Homem de novo estava chovendo. Ainda assim, ela o cumprimentou com um sorriso radiante. -O dia não está bonito hoje, não é? - comentou animada - Mas fico contente quando penso que não chove sempre. Dessa vez, ele nem mesmo resmungou ou virou o rosto. Pollyanna então decidiu: claro, ele não tinha escutado. Por isso, na próxima vez que o encontrou (e foi no dia seguinte), ela falou mais alto. Achou realmente necessário fazer isso, pois ele andava bem depressa, com as mãos nas costas e os olhos voltados para o chão, o que, para Pollyanna, pareceu absurdo, para completar sua alegria, ela estava cumprindo uma tarefa fora de casa. - Como vai?- perguntou, com voz alta e alegre. - Estou tão contente porque hoje não é ontem! O senhor não está? O Homem parou imediatamente. Parecia muito irritado. -Olhe aqui, menina, é melhor resolvermos isso agora, de uma vez por todas - falou impaciente. - Tenho coisas mais importantes pra pensar do que o clima. Não me interessa se o sol brilha ou deixa de brilhar. Pollyanna sorriu alegremente.- Exatamente, senhor; imaginei que não se interessava. Foi por isso que falei que... -Ah, bom... Hein? O quê? - o homem a interrompeu bruscamente, tentando entender suas palavras. -Estou dizendo que foi por isso que falei... Senão o senhor não ia perceber... Quer dizer, que o sol está brilhando e tudo mais. Sabia que ia ficar contentes se simplesmente parasse pra pensar nisso. [...] - ora, de todas as... [...] Olhe porque não procura alguém da sua idade pra conversar? (PORTER, 2018, p.56).</p>

Fonte: a autora

ANEXO XIV

Quadro 09

Anne of Green Gables	Pollyanna
<p>Anne já estava há duas semanas em Green Gables quando Mrs. Rachel Lynde chegou para inspecioná-la. [...]Anne veio correndo prontamente, [...] Ela certamente estava com a aparência esquisita, vestida com o curto e apertado vestido barato que trouxera do orfanato, o qual tornava as longas pernas ainda mais finas e desajeitadas. Suas sardas estavam mais numerosas e aparentes do que nunca; estava sem chapéu, e o vento tinha desalinhado todo o seu cabelo, volvendo-o em uma brilhante desordem; e nunca parecera tão vermelho quanto naquele momento. — Bem, eles não a escolheram pela aparência, isto é certo e seguro! — foi o comentário enfático de Mrs. Rachel Lynde. Ela era uma daquelas pessoas encantadoras e populares que se orgulhavam de falar o que pensavam, sem medo nem generosidade — Ela é terrivelmente magricela e desajeitada, Marilla. Venha aqui criança, e deixe-me olhar para você. Por Deus, alguém já viu sardas como estas? E o cabelo é tão vermelho quanto uma cenoura! Venha cá, menina, estou dizendo. Anne obedeceu, mas não exatamente como Mrs. Lynde esperava. Com um salto, cruzou a cozinha e se deteve frente a Mrs. Lynde, com o rosto corado de raiva, os lábios trêmulos e todo seu corpo magro tremendo dos pés à cabeça. — Eu odeio a senhora! — ela gritou com a voz embargada, batendo o pé no chão — Odeio, odeio, odeio! — batendo fortemente o pé em cada afirmação de ódio — Como ousa me chamar de magricela e desajeitada? Como ousa me chamar de sardenta e cabelo de cenoura? A senhora é uma mulher rude, mal educada, insensível! — Anne! — exclamou Marilla, consternada. Mas Anne continuava encarando Mrs. Lynde destemidamente, com a cabeça erguida, olhos em chamas e punhos cerrados, a apaixonada indignação exalando dela por todos os poros. — Como ousa dizer tais coisas sobre mim? — repetiu com veemência — Gostaria de ter tais coisas ditas sobre a senhora? Gostaria que lhe dissessem</p>	<p>[...] Ela é muito rabugenta. É isso. Sinto pena é da filha dela, que tem de cuidar dela. -Explique melhor Nancy. [...] Bom é o seguinte. Pra ela, as coisas nunca acontecem direito. Na cabeça dela, nem os dias da semana estão certos. Se é segunda-feira, ela vai dizer que queria que fosse domingo, e se você leva a geleia, pode ter certeza que vai ouvir que ela queria frango; mas se você tivesse levado frango, ela ia tá doida por um caldo de cordeiro! -Hum, que mulher engraçada... - Pollyanna riu e depois falou:- Acho que vou gostar de conhecer essa senhora. Ela deve ser bem interessante e. e fora do comum.<i>Adoro pessoas fora do comum.</i> [...] (PORTER, 2018, p.51).</p>

<p>que é gorda e grosseira, e que provavelmente não tem uma fagulha sequer de imaginação? Eu não me importo se ficar magoada quando digo isto! Espero que fique. A senhora feriu os meus sentimentos mais do que jamais haviam sido feridos, nem mesmo pelo marido bêbado de Mrs. Thomas. E eu nunca irei perdoá-la por isso, nunca! Anne bateu o pé mais uma vez. — Alguém já viu tal temperamento? — perguntou Mrs. Lynde, horrorizada. — Anne, vá para o seu quarto e fique lá até que eu suba – disse Marilla, recuperando a fala com certa dificuldade. (MONTGOMERY, 2018, p.48).</p>	
--	--

Fonte: a autora

ANEXO XV

Quadro 10

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>—Oh, Diana – disse Anne, por fim, juntando as mãos e falando quase em um suspiro – oh, você acha que poderá gostar de mim um pouquinho, o suficiente para ser minha amiga do peito? Diana riu. Diana sempre ria antes de falar. — Ora, creio que sim – ela respondeu francamente – estou muito contente por você ter vindo morar em Green Gables. Será uma alegria ter alguém para brincar. Não há outra menina que more nas redondezas e não tenho irmãos grandes o bastante. — Você jura ser minha amiga para sempre e sempre? – inquiriu Anne, ansiosamente. Diana pareceu chocada. — Nossa! Jurar é terrivelmente pecaminoso – disse, em tom de reprovação. — Oh não, não o meu tipo de juramento. Existem dois tipos, sabia? — Eu nunca ouvi sobre outro tipo – disse Diana, em dúvida. — Existe mesmo outro. Oh, e não tem nada de mau, de forma nenhuma. Só significa fazer um voto e prometer solenemente. — Bem, eu não me importo de fazer isso – concordou Diana, aliviada — Como faremos? — Devemos unir nossas mãos, desta maneira. Deve ser sobre um curso d’água. Nós simplesmente imaginaremos que esta trilha é um curso d’água. Eu direi o juramento primeiro. Prometo solenemente ser leal à minha amiga do peito, Diana Barry, enquanto durarem o sol e a lua. Agora você diz, e coloca meu nome no lugar do seu. Diana repetiu o “juramento” com uma risada antes e depois. Então ela disse: —Você é uma menina estranha, Anne. Ouvi dizer antes que você era estranha. Mas acredito que vou gostar muito de você. (MONTGOMERY, 2018, p.68-69).</p>	<p>Agora vai ser bem mais divertido, com essa criança ao redor, bem mais até do que nos filmes... E todo dia! Diversão... Diversão! – repetia Nancy, com um tom irônico. – Mas, pensando bem, acho até que num vai ser só diversão pra essa criança abençoada... Quando as duas tentarem viver juntas. Ela vai precisar de ajuda. Então vou ser ajuda Timothy; vou ser... eu vou! – ela jurou ao se virar e subir com Pollyanna os largos degraus da varanda da casa. (PORTER, 2018, p.24).</p>

Fonte: a autora

ANEXO XVI

Quadro 11

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>Recebemos um telegrama de Mrs. Spencer hoje – o carteiro trouxe da estação – dizendo que eles estavam chegando no trem das 17h30 desta tarde. Então Matthew foi até Bright River para buscá-lo. Mrs. Spencer vai deixar o garoto lá, pois ela seguirá até a estação de White Sands. (MONTGOMERY, 2018, p.9).</p>	<p>Pouco tempo depois, Miss Polly recebeu o telegrama anunciando que Pollyanna chegaria em Beldingsville no dia seguinte, 25 de junho, às 16 horas. [...] -Nancy –[...] minha sobrinha vai chegar amanhã às 16 horas. Quero que vá encontra-la na estação de trem. (PORTER, 2018, p.18).</p>

Fonte: a autora

ANEXO XVII

Quadro 12

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>Matthew não estava olhando para ela e mesmo que o tivesse feito, não teria visto como ela era; mas um observador comum teria visto o seguinte: uma criança de mais ou menos onze anos, trajando um vestido cinza amarelado de chita, muito curto, apertado e feio. Ela usava um chapéu marrom e desbotado e, debaixo deste, estendendo-se pelas costas, estavam duas tranças de um cabelo espesso e decididamente ruivo. Seu rosto era pequeno, branco e magro, e também muito sardento; a boca era grande e os olhos também, e pareciam ser verdes sob um tipo de luz e humor, e cinza em outros. Até agora, é o que veria o observador comum; um bom observador poderia ter visto que o queixo era pontudo e pronunciado, os olhos grandes eram cheios de espírito e vivacidade, a boca tinha lábios finos e expressivos, e a testa era larga e ampla. (MONTGOMERY, 2018, p.12-13).</p>	<p><i>Prezada Miss Polly,</i> <i>Sinto informá-la que o Reverendo Jonh Whittier faleceu a duas semanas deixando uma filha, uma menina de 11 anos [...].</i></p> <p>Não demorou muito para Nancy ver uma garotinha esbelta, usando um vestido xadrez vermelho de algodão, e com duas tranças longas e grossas de cabelos louros nas costas. Sob o chapéu de palha, um rostinho sardento e ansioso virava para a esquerda e para a direita, nitidamente procurando alguém. (PORTER, 2018, p.19).</p>

Fonte: a autora

ANEXO XVIII

Quadro 13

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>E quanto a cozinhar, eu tenho a intenção de começar a lhe dar algumas aulas, um dia desses. Mas você é tão desmiolada, Anne, que tenho esperado para ver se você se acalma um pouco e aprende a ficar quieta antes de começar. É necessário manter a cabeça centrada quando se está cozinhando, e não parar no meio das coisas para deixar seus pensamentos vagarem sobre toda a criação. Agora, pegue sua colcha de retalhos e termine de costurar um quadrado antes da hora do chá. — Eu <i>não</i> gosto de <i>patchwork</i>—disse Anne, desanimada, pegando sua caixa de costura e sentando-se com um suspiro diante de uma pequena pilha de losangos vermelhos e brancos — eu acho bonitos alguns tipos de costura, mas não há escopo para a imaginação em <i>patchwork</i>. É apenas um ponto atrás do outro, que nunca parece chegar a lugar algum. Mas obviamente eu prefiro ser Anne of Green Gables costurando <i>patchwork</i>, do que ser Anne de qualquer outro lugar sem mais nada para fazer, exceto brincar. Queria que o tempo costurando retalhos passasse tão rápido quanto passa quando estou brincando com Diana. Oh (MONTGOMERY, 2018, p.72).</p>	<p>Todas as manhãs às 9 horas, você vai ler para mim por meia hora. Antes disso, usará seu tempo para arrumar o seu quarto. Nas manhãs de quarta-feira e de sábado, depois de 9h30, vai ficar com Nancy na cozinha, aprendendo culinária. Nas outras manhãs, vai costurar comigo. Assim, suas tardes ficarão livres pra música. Vou procurar um professor pra você imediatamente. —Oh Tia Polly, a senhora não me deixou nem um pouquinho de tempo pra... pra apenas viver. —Para viver, criança? O que quer dizer com isso? Como se não estivesse vivendo o tempo todo! — Oh é claro que estaria respirando todo o tempo que estivesse fazendo essas coisas, Tia Polly, mas não estaria vivendo. Você respira sempre que está dormindo, mas não está vivendo. Eu quero dizer vivendo fazendo coisas que quer fazer: brincar ao ar livre, ler (pra mim mesma, lógico), subir colinas, conversar com o Senhor Tom no jardim e com Nancy, e descobrir tudo sobre as casas e as pessoas em todas essas ruas tão legais que vi ontem. É isso que chamo de viver. [...] Miss Polly ergueu a cabeça irritada. (PORTER, 2018, p.42).</p>

Fonte: a autora

ANEXO XIX

Quadro 14

<i>Anne of Green Gables</i>	<i>Pollyanna</i>
<p>Decidi ficar simplesmente para conhecer Melhor aquela menina Anne. Ela me diverte, e nessa época da minha vida é uma raridade achar uma pessoa que me divirta – falou, francamente. [...]</p> <p>—Pelo amor de Deus, segure sua língua! Você fala demais para uma menina tão pequena – disse Marilla. Daí em diante Anne segurou a língua, tão completa e obedientemente. que seu silêncio contínuo deixou Marilla um tanto irritada, como se estivesse na presença de algo artificial. (MONTGOMERY, 2018, p.72; 34)</p>	<p>Por breves momentos o médico vacilou.</p> <p>—É a sobrinha de uma das nossas mais conhecidas conterrâneas. Chama-se Pollyanna Whittier. Ainda não conheço muito bem a menina, mas muitos dos meus doentes a conhecem, e são muito agradecidos a ela! O enfermeiro sorriu.</p> <p>—Ah, sim. E quais são os ingredientes especiais desse remédio milagroso? O médico abanou a cabeça. – Não sei. Só sei que parece tratar-se de uma grande satisfação e de contentamento com tudo o que acontece ou vai acontecer. Estou constantemente ouvindo falar sobre o que ela diz, e pelo que sei, “ficar contente” é um elemento constante. Só gostaria de poder receitá-la como se fosse um vidro de comprimidos. Se bem que, se houvessem muitas como ela no mundo, você e eu teríamos que arranjar outra maneira de ganhar a vida. (PORTER, 2018, p.63).</p>

Fonte: a autora